

VII CONFÉRENCIA

Internacional José Saramago

*A herança filosófica
e sociopolítica de
José Saramago*

Vigo, 26-29 de outubro de 2022

- Centro de visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia
- Camões, Centro Cultural Português em Vigo
- Sede Afundación Vigo
- MARCO, Museo de Arte Contemporánea de Vigo

catedrasaramago.webs.uvigo.gal

<https://tv.uvigo.es/directo1>

Retrator: Graça Morales / Desenho: Árcia de Imaxe / Vicerreitoría de Comunicación e Realizacións Institucionais



Universidade de Vigo

Facultade de Filoxía e Tradución

Cátedra Internacional José Saramago

POEPOLIT II

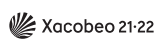
BiFeGa

PDIEL

Vicerreitoría de Investigación e Transferencia



1922-2022



Comissão de Honra

Pilar del Río Sánchez Saramago, Presidenta da Fundação José Saramago
Carlos Reis, Comissário para o Centenário de José Saramago
Augusto Aguiar-Branco, Presidente da Fundação Eng.º António de Almeida
João Ribeiro de Almeida, Presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.
Mário Caneva Moutinho, Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Javier Lafuente Sancho, Reitor da Universitat Autònoma de Barcelona
Luca Pietromarchi, Reitor da Università degli Studi Roma Tre
Anastas Gerdjikov, Reitor da Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski
Manuel Joaquín Reigosa Roger, Reitor da Universidade de Vigo

Comissão Científica

Alma Delia Miranda, Cátedra Extraordinaria José Saramago – Universidad Nacional Autónoma de México
Ana Isabel Garcia López, Cátedra José Saramago – Universidad de Granada
Ana Paula Arnaut, Universidade de Coimbra
Fátima Marinho, Universidade do Porto
Filipa Soares, Camões, Instituto de Cooperação e da Língua, I. P.
Isabel Pires de Lima, Universidade do Porto
Kathrin Sartingen, Universität Wien
Manuel Frias Martins, Universidade de Lisboa
Miguel Koleff, Cátedra Libre José Saramago – Universidad Nacional de Córdoba
Orlando Grossegeisse, Universidade do Minho
Paulo de Medeiros, University of Warwick
Teresa Cristina Cerdeira, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fernando Gómez Aguilera, Fundación César Manrique

Comissão Organizadora

Burghard Baltrusch, I Cátedra Internacional José Saramago – Universidade de Vigo (coord.)
Carlo Salzani, Paris Institute for Critical Thinking / University of Veterinary Medicine Vienna
Kristof Vanhoutte, Paris Institute for Critical Thinking / University of the Free State, Bloemfontein
Carlos Nogueira, I Cátedra Internacional José Saramago – Universidade de Vigo
Alba Vidal, I Cátedra Internacional José Saramago – Universidade de Vigo
Mafalda Pereira, I Cátedra Internacional José Saramago – FLUP
Ana Beatriz Coelho, I Cátedra Internacional José Saramago – FLUP
Manuel Vilaboa Cebreiro, I Cátedra Internacional José Saramago – Universidade de Vigo
Antía Monteagudo Alonso, I Cátedra Internacional José Saramago – Universidade de Vigo

APRESENTAÇÃO

No panorama da literatura mundial, José Saramago assume, hoje em dia, um lugar de destaque. A influência significativa exercida não só sobre a cultura ocidental, mas também sobre a opinião pública em geral, e a sua receção académica internacional confirmam a grande pertinência da sua obra, traduzida para mais de 50 línguas. Trata-se de uma obra que se ocupa das questões mais prementes da contemporaneidade — desde a igualdade de género e a ecologia até aos debates entre especismo e antiespecismo, consumismo e anticonsumismo, culturalismo e anticulturalismo, capitalismo e economia neoliberais.

Por isso, a obra saramaguiana constitui um ponto de partida ímpar para avaliarmos criticamente a nossa sociedade globalizada, as culturas e as estruturas económico-políticas do Ocidente, marcadas por crises que exigem a nossa reflexão e participação ativa. No ano em que se celebra o centenário do nascimento de José Saramago, a I Cátedra Internacional José Saramago (CJS) da Universidade de Vigo pretende transformar a sua VII Conferência num evento especialmente amplo e com uma projeção internacional e mediática ainda maior do que em edições anteriores. Queremos trazer à Galiza o maior número possível de representantes da Jangada - Rede Internacional de Cátedras, Centros de Investigação e Associações, mas também investigadoras/es, estudantes e outro público interessado.

O tema da VII Conferência parte do livro *Saramago's Philosophical Heritage* (2018), editado pelos filósofos e professores do Paris Institute for Critical Thinking (PICT), Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna) e Kristof Vanhoutte (University of the Free State, Bloemfontein), que coorganizam o evento.

Como primeiro eixo temático, explorar-se-á a profunda pertinência contemporânea do legado filosófico deixado por José Saramago, incluindo questões relacionadas com os animais, a empatia e o antropomorfismo. Completam este eixo, entre outros, os objetivos sociopolíticos da rede JANGADA de cátedras, institutos e associações, a partir dos princípios ético-morais consagrados na Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos. Inspirada no discurso que Saramago pronunciou no dia 10 de dezembro de 1998 em Estocolmo, quando recebeu o Prémio Nobel de Literatura, a Carta foi elaborada na Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), por uma comissão de especialistas internacionais e submetida à ONU em 2018. Deste modo, esta Carta e o debate internacional sobre os seus temas constituirão o segundo eixo temático desta Conferência.

O terceiro eixo temático incidirá sobre a relação entre o poético e o político em José Saramago, em estreito diálogo com o projeto “Contemporary Poetry and Politics: Social Conflicts and Poetic Dialogisms”, dirigido pela CJS. Um quarto eixo temático será dedicado às reflexões sobre a situação atual e o futuro da cultura e língua galegas, a partir das coordenadas e reivindicações que nos oferece o pensamento saramaguiano. Tal como tem sido tradição, o mote continua a ser aquele que nos tem inspirado desde a primeira edição das nossas conferências:

“O ser humano não deve contentar-se com o papel do observador.
Tem responsabilidade perante o mundo, tem de actuar, intervir”

(José Saramago, 1987)

LOCALIZAÇÕES

A VII Conferência Internacional José Saramago – “A herança filosófica e sociopolítica de José Saramago” (26-29 de outubro 2022) decorrerá em vários locais na cidade de Vigo.

As Conferências Plenárias e os diversos Painéis Temáticos terão lugar no Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia – Edifício Cambón e no Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines.

As Atividades Culturais serão no Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines, na Sede Afundación Vigo e no Museo de Arte Contemporánea de Vigo.

- **C.V.I.A.:** Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia / Edifício Cambón
 - **Auditório – C.V. Illas Atlánticas:** Auditório do Centro de Visitantes do Parque Nacional das Illas Atlánticas de Galicia
 - **Sala do 3º andar – C.V.Illas Atlánticas:** Sala do 3º andar do Centro de Visitantes do Parque Nacional das Illas Atlánticas de Galicia

Morada: Rua Oliva, 3, 36202 Vigo, Pontevedra, Espanha

- **Camões-CCP:** Camões - Centro Cultural Português de Vigo / Casa de Arines

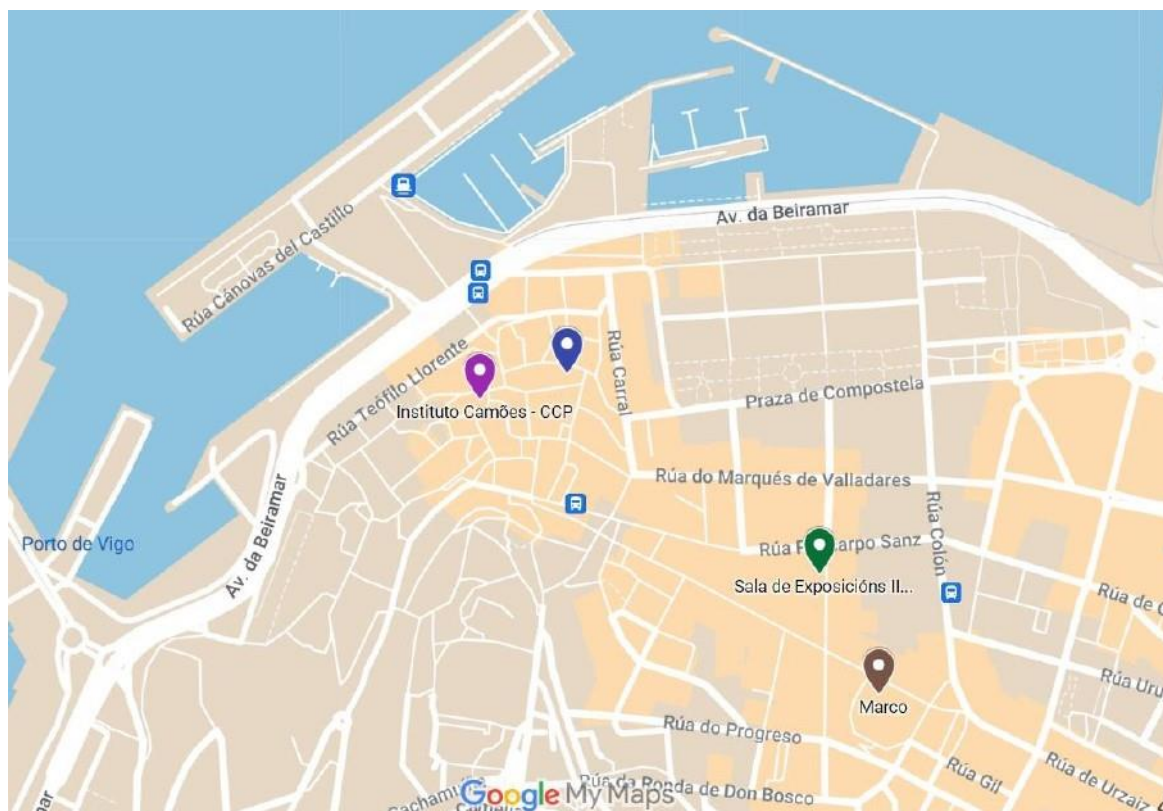
Morada: Praça Tenente Almeida 36202 Vigo, Pontevedra, Espanha

- **Sede Afundación Vigo – Sala de Exposicións II**

Morada: Rua Velázquez Moreno, 18, 36202 Vigo, Pontevedra, Espanha

- **MARCO:** Museo de Arte Contemporánea de Vigo

Morada: Rua do Príncipe, 54, 36202 Vigo, Pontevedra, Espanha



Para acceder no Google Maps aos locais da conferencia, clique [aquí](#).

CALENDARIZAÇÃO

18 de outubro (terça-feira)

Exposição *Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993*: abertura e visita guiada (Sede Afundación Vigo, 18h30)

25 de outubro (terça-feira)

Ciclo de Cinema *O surrealismo de Saramago no cinema*: Sessão I (MARCO, 19h30)

26 de outubro (quarta-feira)

VII Conferência Internacional José Saramago: Abertura, Conferência Plenária I, Mesa-redonda I (Auditório – C.V.I.A., a partir das 11h00) | **Instalação interativa** *On/Off (A Caverna)*, Miguel Januário (Camões-CCP, 18h15) | Jantar de Confraternização (20h30)

27 de outubro (quinta-feira)

VII Conferência Internacional José Saramago: Painéis temáticos paralelos, Conferência Plenária II (Camões-CCP, Auditório e Sala do 3º andar – C.V.I.A., a partir das 9h30) | **Exposição** *Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993*: Apresentação e **Performance** de Silvia Penas (Sede Afundación Vigo, a partir das 18h30)

28 de outubro (sexta-feira)

VII Conferência Internacional José Saramago: Painéis temáticos paralelos, Conferência Plenária III, Mesa-redonda II (Camões-CCP, Auditório e Sala do 3º andar – C. V. I. A., a partir das 9h30) | **Recital de Poesia** de Patrícia Lino (Camões-CCP, 18h15)

29 de outubro (sábado)

VII Conferência Internacional José Saramago: Painéis temáticos paralelos, Conferência Plenária IV, Encerramento (Camões-CCP, Auditório e Sala do 3º andar – C. V. I. A., a partir das 9h30) | **Ciclo de Cinema** *O surrealismo de Saramago no cinema*: Sessão II (MARCO, 19h30)

5 de novembro (sábado)

Ciclo de Cinema *O surrealismo de Saramago no cinema*: Sessão III (MARCO, 19h30)

12 de novembro (sábado)

Ciclo de Cinema *O surrealismo de Saramago no cinema*: Sessão IV (MARCO, 19h30)

19 de novembro (sábado)

Ciclo de Cinema *O surrealismo de Saramago no cinema*: Sessão V (MARCO, 19h30)

26 DE OUTUBRO – QUARTA-FEIRA

11h00 | Abertura | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

Oradoras/es confirmadas/os:

- Rosario Álvarez Blanco (Presidenta do Consello da Cultura Galega)
- Patrícia Severino (Conselheira de Assuntos Culturais da Embaixada de Portugal em Madrid)
- Filipa Soares (Camões IP, Coordenadora EPE em Espanha e Andorra)
- Augusto Fernando Correia de Aguiar-Branco (Presidente da Fundação Eng.º António de Almeida)
- Burghard Baltrusch (Presidente da I Cátedra Internacional José Saramago)
- Marta Fernández-Tapias (Delegada da Xunta de Galicia en Vigo)

12h30 - 13h30 | Conferência Plenária I | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

“O Poder das Utopias – Desmontando códigos distópicos com José Saramago”

Moderação: Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

- Marcia Tiburi (Université Paris 8)

14h00 | Almoço

15h30 - 17h30 | Mesa-redonda I | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

“Saramago hoje: a questão decolonial e a voz das autoras”

Moderação: Rita Chaves (Universidade de São Paulo)

- Maíra Zenun (artista e poeta)
- Gisela Casimiro (escritora, artista e performer) – videoconferência
- Patrícia Lino (poeta, ensaísta e professora universitária)

17h30 | Café

18h15 - 19h00 | Atividade Cultural | Camões-CCP

Instalação interativa de Miguel Januário / ±MaisMenos±: *On/Off (A Caverna)*

20h30 | Jantar de Confraternização

27 DE OUTUBRO – QUINTA-FEIRA

9h30 - 12h00 | Painéis Temáticos Paralelos

Painel 1 | Auditório – C.V. Ilas Atlánticas

Filosofia 1: Lucidez, Democracia, Política

Moderação: Kristof Vanhoutte (University of the Free State / PICT)

- Carlo Sabbatini (Università di Macerata)
- Marco Mazzocca (Pavol Jozef Šafárik University / Università degli Studi di Trento)
- David Jenkins (University of Otago) – vídeo pré-gravado
- Gustavo Racy (Universiteit Antwerpen / Pontífica Universidade Católica de São Paulo)

Painel 2 | Sala do 3º andar – C.V. Ilas Atlánticas

História e Política

Moderação: Patrícia Cardoso (Universidade Federal do Paraná)

- Daniel Vecchio (Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAPERJ)
- Horácio Ruivo (Universidade Aberta / Universidade de Lisboa)
- Valéria Hernandorena Montegudo de Campos (Universidade de São Paulo)
- Fernando Linhares (University of Massachusetts Dartmouth)

Painel 3 | Camões-CCP

História, Ética, Tradução

Moderação: Miriam Ringel (Bar-Ilan University)

- Miloš Čipranić (Univerzitet u Beogradu)
- Markus Ebenhoch (Universität Salzburg)
- Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Nazir Ahmed Can (Universitat Autònoma de Barcelona)

12h00 | Café

12h30 - 13h30 | Conferência Plenária II | Auditório – C.V. Ilas Atlánticas

“Islands and Boats: (Lucid?) Meditations on a Stone Utopia and a Naval Heterotopia in the work of Jose Saramago”

Moderação: Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna / PICT)

- Kristof Vanhoutte (University of the Free State / PICT)

14h00 | Almoço

15h30 – 17h30 | Painéis Temáticos Paralelos

Painel 4 | Auditório – C.V. Ilas Atlánticas

Filosofia 2: Caverna, Negação, Derrida

Moderação: Carlo Sabbatini (Universitá di Macerata)

- Majid Amini (Virginia State University)
- José N. Ornelas (University of Massachusetts Amherst)
- Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

Painel 5 | Sala do 3º andar – C.V. Ilas Atlánticas

Filosofia 3: Montaigne, Hobbes, Byung-Chul Han

Moderação: Nazir Ahmed Can (Universitat Autònoma de Barcelona)

- Naiara Martins Barrozo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
- María Ximena Rodriguez (Universidad Nacional de Córdoba / Cátedra Libre José Saramago)

Painel 6 | Camões-CCP

Política e Filosofia

Moderação: Antía Monteagudo Alonso (Universidade de Vigo / CJS)

- Vera Lopes da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
- Carlos Nogueira (Universidade de Vigo / CJS)
- José Flôr de Medeiros Júnior (Universidade de Uberaba)
- Maria Irene da Fonseca e Sá (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

17h30 | Café

18h30 – 19h30 | Atividades Culturais | Sede Afundación Vigo- Sala de Exposicións II

Apresentação da Exposição *Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993* (18-29 outubro), com presença da pintora Graça Morais

Performance de Silvia Penas: *“Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo”* (revisitar *O Ano de 1993 de José Saramago*)

28 DE OUTUBRO – SEXTA-FEIRA

9h30 – 12h00 | Painéis Temáticos Paralelos

Painel 7 | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

O poético e o político

Moderação: Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

- Barbara Fraticelli (Universidad Complutense de Madrid)
- Patrícia Lino (University of California, Los Angeles)
- Luciana Namorato (Indiana University Bloomington)
- Rodrigo Herrera Alfaya (Universidade de Vigo)
- Marinha Paradelo Veiga (Universidade de Vigo)

Painel 8 | Sala do 3º Andar – C.V. Illas Atlánticas

Antropologia, Direito, Política

Moderação: Markus Ebenhoch (Universität Salzburg)

- Philippe Charlier / Egídia Souto (Musée du quai Branly - Jacques Chirac /Laboratoire Anthropologie, Archéologie, Biologie (LAAB), Université Paris-Saclay/ Université Sorbonne Nouvelle)
- Bárbara Natália Lages Lobo (Universidade Autónoma de Lisboa)
- Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva (Universidade Federal Rural do Semi-Árido)

Painel 9 | Camões-CCP

Género, Erotismo e Antitotalitarismo

Moderação: Kathrin Saringen (Universität Wien)

- Vanda Maria de Gouveia Fernandes (Universidade de Vigo / CJS)
- Rocío Martínez Díaz (Universidad Autónoma de la Ciudad de México)
- Maria Aparecida da Costa (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

12h00 | Café

12h30 – 13h30 | Conferência Plenária III | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

“Levantado do Chão, e a Revolução no Século XX”

Moderação: Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

- Raquel Varela (Universidade Nova de Lisboa)

14h | Almoço

15h30 – 17h30 | Mesa-redonda 2 | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

“A Galiza na jangada do futuro: pensando-nos a partir de José Saramago”

Moderação: Xosé María Gómez Clemente (Universidade de Vigo)

- Helena González Fernández (Universitat de Barcelona)
- Carlos Quiroga (Universidade de Santiago de Compostela)
- Marco Neves (Universidade Nova de Lisboa)

17h30 – 18h00 | Café

18h15 – 19h00 | Atividade Cultural | Camões-CCP

Recital de Poesia de Patrícia Lino: *Abram Alas no Recital dos Sisudos*

29 DE OUTUBRO – SÁBADO

9h30 – 12h00 | Painéis Temáticos Paralelos

Painel 10 | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

Animais, Empatia e Antropomorfismo

Moderação: Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna / PICT)

- Daniel Vecchio (Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAPERJ)
- Rhona J. Flynn (Universität Wien)
- Hania Nashef (American University of Sharjah)
- Maria do Céu Estibeira (Universidade Nova de Lisboa)

Painel 11 | Sala do 3º andar – C.V. Illas Atlánticas

Ética e Direitos Cívicos

Moderação: Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

- Tauana Jadna Ribeiro (Universidade Estadual do Maranhão) – vídeo pré-gravado
- João Marcelo Borelli Machado (Universidade Federal do Paraná / Universidade Virtual do Estado de São Paulo) – vídeo pré-gravado
- Viviana Mónica Rodríguez (Instituto Camões, Buenos Aires)
- Ana Cláudia Cima Henriques (Universidade Nova de Lisboa)

Painel 12 | Camões-CCP

Ética e Moral

Moderação: Carlos Nogueira (Universidade de Vigo / CJS)

- Miriam Ringel (Bar-Ilan University)
- Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa - Braga)
- José Vieira (Università di Padova / Universidade de Vigo)
- Luciana Camargo (Universidade Federal do Paraná) – vídeo pré-gravado

12h00 – 12h30 | Café

12h30 – 13h30 | Conferência Plenária IV | Auditório – C.V. Illas Atlánticas

“The Temptations of Anthropomorphism, or, How an Elephant Can Help Us Become More Human”

Moderação: Kristof Vanhoutte (University of the Free State / PICT)

- Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna / PICT)

13h30 | Encerramento | Auditório

14h00 | Almoço

19h30 | Atividade Cultural | MARCO

Ciclo de Cinema: O Surrealismo de Saramago no Cinema (curadoria de Abella Produções)

- *Embargo*, dirigido por António Ferreira (Portugal 2010)

Apresentado por António Ferreira e Tathiani Sacilotto

Participações Convidadas:

Graça Morais | Pintora

Isabela Figueiredo | Escritora

Joana Baião | Investigadora no Laboratório de Artes na Montanha – Graça Morais, do Centro de Investigação da Montanha, do Instituto Politécnico de Bragança

Joana Lobinho | Designer

Evrin Emir-Sayers | Paris Institute of Critical Thinking

David Sayers | Paris Institute of Critical Thinking

Lúcia Liberato Evangelista | Universidade do Porto

Noemí Garrido Anierte | Programa de Doutoramento em Estudos Literários (UVigo)

Helena Isabel Lopes da Silva | Programa de Doutoramento em Estudos Literários (UVigo)

Atividades Culturais

Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993

Exposição de Graça Morais | 18 - 29 de outubro

Sede Afundación Vigo – Sala de Exposicións II: Rua Velázquez Moreno 18

Horário de abertura: de segunda-feira a sábado, das 17h30 às 20h30

18 de outubro (terça-feira) | 18h30 | Abertura e Visita Guiada à Exposição

27 de outubro (quinta-feira) | 18h30 | Apresentação da Exposição com a presença da pintora Graça Morais

'Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo' (revisitar O Ano de 1993 de José Saramago)

Performance da poeta galega Silvia Penas

Sede Afundación Vigo – Sala de Exposicións II: Rua Velázquez Moreno 18

27 de outubro (quinta-feira) | 19h

Residência Literária: *A Alquimia de Oliveira*

Xosé Bieito Arias Freixedo

26- 29 outubro:

A propósito da exposição *Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993* (Sede Afundación Vigo, 18-29 de outubro de 2022), Xosé Freixedo escreverá textos sobre a pintora Graça Morais e a sua obra, que serão distribuídos e publicados ao longo do evento.

Residência Literária: *O sublime código da insubmissão*

Isabela Figueiredo

26-29 outubro:

A partir das temáticas abordadas na VII Conferência, a escritora Isabela Figueiredo escreverá textos, em formato de diário, que serão publicados e distribuídos ao longo dos dias do evento.

Ciclo de Cinema *O Surrealismo de Saramago no Cinema*

Curadoria de Abella Producións | 25 – 19 de novembro

MARCO – Museo de Arte Contemporánea de Vigo

Horário: 19h30 | Projeções em V.O. com legendas em castelhano

25 de outubro (terça-feira) | Apresentado por Javier Trigales

- *Enemy (O Homem Duplicado)*, dirigido por Denis Villeneuve (Canadá/Espanha 2013)

29 de outubro (sábado) | Apresentado por António Ferreira e Tathiani Sacilotto

- *Embargo*, dirigido por António Ferreira (Portugal 2010)

5 de novembro (sábado) | Apresentado por Francisco Castro

- *José e Pilar*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes (Portugal 2010)

12 de novembro (sábado) | Apresentado por Severiano Casalderrey

Sessão de curtas-metragens

- *A flor máis grande do mundo*, dirigido por Juan Pablo Etcheverry (Espanha 2017)
- *Embargo*, dirigido por Noa Castro e Pepe Eiras (Espanha 2018)
- *Sensitive Islands*, dirigido por Stefaan van Biesen (Bélgica 2012)
- *Death at intervals (As Intermitências da Morte)*, dirigido por Alexander Golubeff (2019)
- *Sheperd of dreams*, dirigido por Paulo Fajardo (Portugal 2020)
- *Azinhaga*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes (Portugal 2007)
- *Desquite*, dirigido por Uxue Reinoso Roldan, Amy Egan, Iker Orueta Esparza, Laida Ruiz Juarros e Judit Porto Mariño (Espanha 2019)

19 de novembro (sábado) | Apresentado por Xosé Nogueira

- *Blindness (Ensaio sobre a Cegueira)*, dirigido por Fernando Meirelles (Brasil 2008)

On/Off (A Caverna)

Instalação interativa de ±MaisMenos± / Miguel Januário | Camões-CCP

26 de outubro (quarta-feira) | 18h15 | Visita à Instalação

Abram Alas no Recital dos Sisudos

Recital de Poesia de Patrícia Lino | Camões-CCP

28 de outubro (sexta-feira) | 18h15

CONFERÊNCIAS
PLENÁRIAS

Conferência Plenária I | 26 de outubro | 12h30 – 13h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Moderação: Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

“O Poder das Utopias — Desmontando códigos distópicos com José Saramago”

Marcia Tiburi

(Université Paris 8)

RESUMO

Enquanto economia política da linguagem, o capitalismo funciona a partir da produção e do desencadeamento de pensamentos, afetividades e ações em torno de um código distópico. A rejeição das utopias faz parte do jogo de poder e violência que anima esse código. José Saramago, cuja obra contém a tensão dialética entre distopias e utopias, permite-nos compreender essa codificação pela qual a categoria “mundo” é sequestrada. A sua obra abre caminhos para libertar a imaginação e, assim, livra-nos dos tentáculos dessa codificação. Um outro mundo possível desenha-se a partir dessa desmontagem.

CV

Marcia Tiburi é professora convidada no LLCPC (Laboratoire d'études et des recherches sur les Logiques Contemporaines de la Philosophie), equipa de investigação do departamento de Filosofia da Université Paris 8. Atualmente, a sua investigação académica centra-se na filosofia social e política, nas relações entre filosofia e literatura, género e feminismo e língua e tecnologia. Formada em Filosofia e Artes Plásticas, obteve o seu grau de mestre em Filosofia pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutorou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, posteriormente, fez um pós-doutoramento em Artes no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Centrando o seu trabalho na Filosofia Contemporânea, nomeadamente na ética, estética e teoria crítica, Marcia Tiburi lecionou em diversas universidades e instituições brasileiras, como na Universidade Federal do Estado do Rio (UNIRIO) e na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Escreveu diversas obras filosóficas, como *Olho de Vidro* (2011), *Como Conversar com um Fascista* (2015) e *Delírio do Poder* (2019). Para além do seu trabalho académico, Marcia Tiburi também escreve romances, entre eles *Sob os Pés, meu corpo inteiro* (2018). Nos últimos anos, tem retomado também o seu trabalho como artista plástica.

Conferência Plenária II | 27 de outubro | 12h30 – 13h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Moderação: Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna / PICT)

“Islands and Boats: (Lucid?) Meditations on a Stone Utopia and a Naval Heterotopia in the work of José Saramago”

Kristof Vanhoutte

(University of the Free State, Bloemfontein / Paris Institute for Critical Thinking)

RESUMO

José Saramago once said that if he “had to delete a word from the dictionary, I would delete utopia”. He would delete that word because “it does not help to think, because it is an invitation to laziness”. If this was Saramago’s stance on utopia, would Saramago also have regarded that other ‘topia’ – Michel Foucault’s heterotopia – with a similar disdain? Or would he have favored this word and this place? Furthermore, and notwithstanding Saramago’s negative attitude towards utopia(s), the idea and (certainly) the place of utopia recurs in his work (just as the one of heterotopia does as well). How should we interpret and account for the presence of utopia

and heterotopia in Saramago's work? In this presentation I will have a closer look at Saramago's *The Stone Raft* and *The Tale of the Unknown Island* and how they relate to the ideas and places of utopia and heterotopia. Through a mirroring inquisitive reading of these two texts by Saramago and Thomas Moore's *Utopia* and Michel Foucault's *Of Other Places*, I will investigate whether there is still anything to be said about these ideas and their relationship to any possible (actual) time and (actual) space.

CV

Kristof K.P. Vanhoutte is Core Faculty at the Paris Institute for Critical Thinking, Paris, France, and a Research Fellow at the Department of Philosophy of the University of the Free State, Bloemfontein, South Africa. Kristof was Guest Professor of Philosophy at the Pontificia Università Antonianum, Rome, Italy, where he obtained his PhD in Philosophy. He has served as Postdoctoral Fellow at the Institute of Advanced Studies in the Humanities, University of Edinburgh, UK, and is the recipient of the 2010 Essay Prize for European Philosophy from Kant to the Present, awarded by the University of Kentucky, USA. His interests and publications are on topics in 'continental' philosophy, philosophy of literature, patristics, theology-philosophy-politics interdependencies, educational theory, and soccer. His latest books are *Limbo Reapplied. On Living in Perennial Crisis and the Immanent Afterlife* (Palgrave Macmillan 2018), *Saramago's Philosophical Heritage* (Palgrave Macmillan 2018, co-edited with Carlo Salzani).

Conferência Plenária III | 28 de outubro | 12h30 – 13h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Moderação: Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo / CJS)

“*Levantado do Chão, e a Revolução no Século XX*”

Raquel Varela

(Universidade Nova de Lisboa)

RESUMO

Em *Levantado do Chão*, José Saramago oferece-nos um manual de história das revoluções, da acumulação primitiva durante a formação do Estado-nação, à formação, consciência e organização das classes trabalhadoras no século XX, até à ruptura social da Revolução dos Cravos, revolução universal onde, em Saramago, tal como em Walter Benjamin, os "mortos foram salvos" e com eles o género humano.

CV

Raquel Varela é historiadora e professora auxiliar com agregação na Universidade Nova de Lisboa. É investigadora integrada no centro de investigação História, Territórios e Comunidades, Pólo na NOVA FCSH do Centro de Ecologia Funcional - Ciência para as Pessoas e o Planeta. Em fevereiro de 2021 realizou as suas provas de Provas de Agregação no ramo de História, com especialidade em História Contemporânea, na FCSH/Universidade Nova de Lisboa (aprovadas por unanimidade). Em 2020 recebeu o Prémio da Associação Ibero-Americana de Comunicação/Universidade de Oviedo, Espanha, pelo seu contributo para a história global do trabalho e dos movimentos sociais. Em 2020 foi a primeira distinguida com a bolsa de investigação Simone Veil, Project Europe-Universidade de Munique. Em 2021, foi visiting fellow no Instituto de Estudos Globais Europeus da Universidade de Basileia, Suíça. É honorary fellow do International Institute for Social History (Amsterdam).

Conferência Plenária IV | 29 de outubro | 12h30 – 13h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Moderação: Kristof Vanhoutte (University of the Free State / PICT)

“The Temptations of Anthropomorphism, or, How an Elephant Can Help Us Become More Human”

Carlo Salzani

(University of Veterinary Medicine Vienna / Paris Institute for Critical Thinking)

RESUMO

In Saramago’s oeuvre, nonhuman animals, and especially dogs, are very often a litmus test for the failings of humanity: they represent all that humans fail to achieve or sustain (loyalty, compassion, love, even rationality...) and almost end up being *more human* (or *humane*) than the human characters themselves. And yet Saramago, both in theory and in his literary practice, distances himself and his work from a facile anthropomorphism that would reduce nonhuman animals to mere projections of human beings. “We must deplore this yielding to the temptations of anthropomorphism,” he writes in *The Stone Raft*, “which sees and judges everything in an essential rapport with human beings, as if nature had nothing better to do than to think about us.” Saramago’s nonhuman characters, despite their “function” in the narrative economy, retain a certain unbridgeable opaqueness and impenetrability, as exemplified by the elephant Salomon/Soliman in *The Elephant’s Journey*. In the novella, the elephant is not a simple projection of the human characters or of the narrator, nor is he an unknowable, quasi-mystical enigma. Rather, the elephant interacts with the human characters and negotiates his place in the world in an interspecies web that reflects the very fabric of life. With irony and compassion, Saramago portrays the elephant as being an active agent within this web, thereby dismantling anthropocentric pretensions and arrogance, and perhaps opening up the space for a different modality of interaction and coexistence among species all together. From this perspective, a certain “use” of anthropomorphism, in which Saramago also ironically indulges, can even work as a tool to break down the antiquated and toxic hierarchies of traditional anthropocentrism and help invent a new way of being human.

CV

Carlo Salzani is a Research Fellow at the Messerli Research Institute of Vienna, Austria, and a faculty member of the Paris Institute for Critical Thinking (PICT). Having studied philosophy at the university of Verona, Carlo obtained his PhD in Comparative Literature and Cultural Studies from Monash University, Australia. He went on to serve as Alexander von Humboldt Postdoctoral Research Fellow at the University of Bonn, Germany, before accepting Visiting Professorships at the Pontificia Università Antonianum, Rome, Italy, and the Máster en Derecho Animal y Sociedad (Master in Animal Rights and Society) at the Universitat Autònoma de Barcelona. His research interests include biopolitics, posthumanism, and animal studies. His most recent publications include the books *Agamben and the Animal* (2022) and *Walter Benjamin and the Actuality of Critique* (2021), and the collection *Animality in Contemporary Italian Philosophy* (2020, edited with Felice Cimatti). A new collection, titled *The Biopolitical Animal* and also edited with Felice Cimatti, will come out in 2023.

MESAS-REDONDAS

Mesa-redonda I | 26 de outubro | 15h30 – 17h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

“Saramago Hoje: a questão decolonial e a voz das autoras”

Moderação: Rita Chaves (Universidade de São Paulo)

Maíra Zenun (artista e poeta)

Gisela Casimiro (escritora, artista e performer)

Patrícia Lino (poeta, ensaísta e professora universitária)

RESUMO

No dia 25 de Junho de 1975, dia da independência do Moçambique, José Saramago escreveu no *Diário de Notícias*:

Lamentamos os que morreram, os vossos e os nossos. Lamentamos mais os nossos porque morreram no lugar errado. Sim, no lugar errado. Quem dos vossos morreu, morreu pela pátria que nascia. Os nossos morreram a defender o que desta pátria não era, morreram a defender o colonialismo, colonizados eles próprios, e enganados. Talvez não consigamos nunca curar-nos deste remorso. Talvez mesmo devamos recusar curar-nos para que saibamos sempre o que devemos defender e o que devemos combater (*Folhas Políticas*, 111).

Embora na sua obra literária não haja muitas referências a África, Saramago sempre defendeu publicamente posições contra o colonialismo e seus ecos na realidade portuguesa. Tendo em conta os recentes debates e polémicas sobre o colonialismo e o racismo, a sua história e memória em Portugal, no Brasil e no continente africano, convidamos autoras desses espaços para conhecermos a sua opinião sobre estes temas, a relação da sua obra artística com estas problemáticas e o significado que a literatura e o ativismo de José Saramago detém para elas. Nesta mesa-redonda, contaremos com a presença da artista e poeta brasileira Maíra Zenun (radicada em Portugal), da escritora, artista e performer portuguesa Gisela Casimiro, nascida na Guiné-Bissau, e da poeta, ensaísta e professora universitária portuguesa Patrícia Lino. A partir das obras, do pensamento e da atuação das nossas convidadas, o debate centrar-se-á no que Saramago - enquanto autor, ativista, homem, figura já institucionalizada, canonizada, mas também polémica - pode representar (ou não) para a discussão atual acerca da história do colonialismo e da sua relação com outros espaços de língua portuguesa, acerca do racismo e do sexismo e acerca das perspectivas do feminismo negro. Como moderadora, actuará a professora Rita Chaves, uma conhecida especialista em Estudos Africanos da Universidade de São Paulo.

CV

Maíra Zenun é artista imigrante, mãe e poeta brasileira em trânsito. Nasceu no Rio de Janeiro, foi criada em Petrópolis, cresceu em Brasília e atualmente é da Linha de Sintra, Amadora, Portugal. É mestre em Fotografia Artística pelo IPCI, com o trabalho *"Aula de história"* (2022), e doutora em Sociologia da Cultura pela UFG, com a tese *"A Cidade e o Cinema [Negro]: o caso FESPACO"* (2019), sobre o maior e mais antigo festival de cinema que acontece em África. Desde o início da pesquisa, em 2014, sobre a produção audiovisual realizada por pessoas negras, tem tido a oportunidade de conviver e trabalhar com profissionais da educação e das artes visuais de diversos países como Zimbábue, Uganda, Reino Unido, Portugal, Moçambique, México, Guiné-Bissau, Gana, Cuba, Costa do Marfim, Chile, Cabo Verde, Burkina Faso, Brasil, Angola e Alemanha; estreitando laços profissionais e de afeto com essas pessoas e seus países. Encontros que têm resultado em projetos de criação criativa e pesquisas, programação cultural, performances, artigos, escrituras, roteiros, textos poéticos, crônicas visuais e ensaios; toda uma produção sobre cinemas africanos, cinemas negros, metodologias contra-coloniais, migração forçada, fronteiras inventadas e poéticas antirracistas; depositados em coleções privadas, blogs, publicações impressas e virtuais. Participou, em Lisboa, da criação da Nêga Filmes & Produções: um coletivo de artistas e pensadoras negras que, entre outras, têm coordenado e feito a curadoria de diversos ciclos e mostras de cinema negro pelo mundo. Em 2020, teve publicados os ensaios “Boa sessão de cinema anti-racista, Portugal!” e “Feliz, cidade, Félicité? - ou notas breves sobre um filme anticolonialista”. Também passou a integrar como pesquisadora convidada: o projeto *Memórias que vêm das palavras: olhares museológicos para as literaturas de mulheres negras* da UFPA; e o grupo

Memória, Arte e Alteridade da UFT. E em 2021, teve publicado o artigo “Cinemas Negros: do recôncavo à kova”, no livro *Cinema Negro Baiano*.

Gisela Casimiro (Guiné-Bissau, 1984) é uma escritora, artista e performer portuguesa. Estudou Línguas, Literaturas e Culturas (Estudos Portugueses e Ingleses) na NOVA / FCSH. Publicou *Erosão*, cuja tradução integral para mandarim teve apoio do Instituto Camões em Portugal. Tem ainda obra traduzida para turco, alemão e espanhol. Integrou as antologias *Rio das Pérolas* (poesia, Ispis Verbis, 2020), *Venceremos! Discursos escolhidos de Thomas Sankara* (tradução, Falas Afrikanas, 2020), *As Penélopes* (poesia, Bairro dos Livros, 2021), *Reconstituição Portuguesa* (poesia, Companhia das Letras, 2022, vencedora Grand Prix de Design no Festival Internacional de Publicidade Cannes Lions), *Trás Los Claveles* (Garvm Poesía/La Oveja Negra, 2022) e *Este Imenso Mar* (2022, Instituto Camões). Nos últimos anos contribuiu regularmente com crónicas para Hoje Macau, Buala, Contemporânea, Setenta e Quatro. Colabora com diversos museus, teatros, associações culturais, escolas e universidades como jurada, formadora, consultora, intérprete e moderadora. Foi convidada de festivais literários em Portugal, Turquia, Macau, Moçambique, Alemanha e Cabo Verde. Interpretou espectáculos no CCB, São Luiz e TBA. Participou em exposições individuais e colectivas no Armário, Zé dos Bois, Balcony, Casa do Capitão, Quetzal Art Center, Galeria Municipal do Porto, Galeria Municipal de Almada, Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Integra a Coleção António Cachola. Foi membro do INMUNE e faz parte da UNA - União Negra das Artes.

Patrícia Lino (1990) é poeta, ensaísta e professora universitária. Ensina literaturas e artes visuais afro-luso-brasileiras na UCLA e publicou, até à data, *Aula de Música* (2022), *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), *No es esto un libro* (trad.: Jerónimo Pizarro, 2020) e *Manoel de Barros e a Poesia Cínica* (2019). Dirigiu recentemente *DAEDALUS 22/1* (BRA 2021), *Anticorpo. Uma paródia do império risível* (EUA-POR 2019) e *Vibrant Hands* (EUA-POR 2019). Lançou também o álbum de poesia mixada *I Who Cannot Sing* (2020). Apresentou, publicou e expôs ainda ensaios, poemas e ilustrações em mais de sete países. A sua investigação centra-se na poesia contemporânea, culturas visual e audiovisual, paródia, anticolonialismo e cinema luso-brasileiro. É membro integrado do UCLA Latin American Institute, colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e co-coordenadora d'A *Colecção*, linha editorial das Edições Macondo dedicada à publicação da poesia portuguesa contemporânea no Brasil. <http://patricialino.com>.

Rita Chaves, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, é professora associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Foi professora visitante na Yale University, em 1996/97, e na Universidade Eduardo Mondlane entre 1998 e 2004. Tem dois estágios de pós-doutoramento na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Integra o Conselho Curatorial do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e o Conselho Editorial das revistas *Via Atlântica* e *Mulemba*. É autora de *A formação do romance angolano* (1999) e de *Angola/Moçambique – experiência colonial e territórios literários, 2 ed* (2022). É co-organizadora de *Portanto ... Pepetela* (1 ed. Luanda: Chá de Caxinde, 2003; 2 ed. Cotia:Ateliê, 2010)), *Brasil/África: como se o mar fosse mentira* (Luanda/São Paulo: Chá de Caxinde/ Editora da UNESP, 2006); *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a Literatura Angolana* (Luanda/ São Paulo: Nzila/Editora da UNESP, 2007); *Mia Couto: o desejo de contar e de inventar* (Maputo: Ndjira, 2009) ; *Portanto ... Pepetela* (Cotia:Ateliê, 2009) *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a Literatura Moçambicana* (Maputo: Marimbique, 2012); *Mia Couto: um convite à diferença* (São Paulo: Humanitas, 2013); *Geografias Literárias em Língua Portuguesa no século XXI* (Padova: TAB, 2021).

Mesa-redonda II | 28 de outubro | 15h30 – 17h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

“A Galiza na xangada do futuro: pensándonos a partir de Saramago”

Moderación: Xosé María Gómez Clemente (Universidade de Vigo)

Carlos Quiroga (Universidade de Santiago de Compostela)

Marco Neves (Universidade Nova de Lisboa)

Helena González Fernández (Universitat de Barcelona)

RESUMO

Entre moitos temas centrais no mundo actual, a obra saramaguiana tamén formula a idea da “transibericidade”. Para alén dun diálogo entre iguais das culturas ibéricas, propuxo abrir esta idea ós países de África e América que xurdiron dos imperios coloniais luso e español, apostando por un diálogo racional e humanitario de identidades complexas máis aló dun contexto europeo. Nesta xangada de culturas viaxamos os galegos e as galegas coa nosa identidade tamén complexa, coa nosa tradición cultural como país atlántico que xa coñecía o culto ás barcas de pedra, e daquela a idea de Saramago non nos é allea. Esta mesa redonda quere facer unha viaxe necesaria de cara a unha (re)definición da nosa posición nestas complexas relacións pos- e decoloniais. Fomos un país “colonizado”, mais, asemade, tamén participamos activamente na colonización, e modernamente construímos un discurso sobre a emigración que agocha as realidades culturais, económicas e lingüísticas de América. Queremos saber como afondar nas nosas relacións con Portugal e cos países que comparten co noso veciño unha determinada proximidade cultural e lingüística, da que historicamente somos parte. Alén do moito que se ten falado sobre cuestións lingüísticas, queremos tamén falar de como seguir tecendo unha rede estratéxica de alianzas de parentesco que nos unen mais que non deben afogarnos. Facemos a viaxe nesta barca de pedra coa conciencia da nosa condición de periferia, un lugar que cómpre sinalar como privilexiado, unha periferia na península Ibérica que quizais nos permita actuar como un dos gonzos sobre o que xiran os mundos lusófono e hispanófono. Carlos Quiroga, da Universidade de Santiago, falaranos das relacións de empatía de José Saramago co galeguismo de resistencia e reintegracionista, movemento que define unha póla das relacións entre a Galiza e Portugal, e deseñará un posible marco de relacións lingüísticas e culturais entre os dous países. Marco Neves, da Universidade de Lisboa, reflexionará sobre a tentación de vermos o mundo das linguas de forma linear, no que cada Estado ten a súa, e que representa unha das barreiras para o recoñecemento do galego. A partir da obra saramaguiana procurará vieiros (como o multilingüismo) para ultrapasarmos a barreira desta *ilusión monolingüe* e para que o galego se torne visíbel en Portugal. Helena González, da Universidade de Barcelona, desenvolverá o tema “Transibéricxs, nosoutrxs: amor, corpos precarios, política”, no que a Galiza se presenta como un deses corpos precarios, e partirá de que a noción de transibericidade de Saramago “estrema” na Península Ibérica co estado-nación, e en América e África coa afirmación decolonial. Preguntarase se é pensabel, logo, unha praxe cultural da transibericidade alén do discurso identitario da nación e da lingua e máis atenta ás experiencias dos corpos.

CV

Carlos Quiroga, professor na USC, publicou poesía, romance, teatro, ensaio e obras híbridas, na Galiza, Portugal, Brasil e Itália. Recebeu prêmios como o Carvalho Calero de narrativa dúas veces e o Vicente Risco de Ciências Sociais. Fundou/dirixiu varias revistas, como *O Mono da Tinta* e *Agália*. Realizou experiencias no meio audiovisual (*eu-ka-lo*, 2005) e na fotografía, periódica e em livro (*Saudade/Un murmullo intraducible* no México). É autor de *G.O.N.G. –mais de vinte poemas globais e um prefácio esperançado* (1999), *Periferias* (romance, 1999; 2006 no Brasil), *A Espera Crepuscular* (2002), *O Castelo da Lagoa de Antela/ Il Castello nello Stagno di Antela* (2004 só em Itália), *O Regresso a Arder* (2005), *Venezianas* (2007, só em Portugal), *Inxalá* (romance, 2006; 2008 em Portugal, e novamente em 2010 na Biblioteca de Verão de Clássicos Universais dos jornais JN e DN), *Império do Ar: Cavalgadas de Daniel em Ilha Brasil* (2013, só no Brasil), *Peixe Babel* (2016), *A imagem de Portugal na Galiza* (2016), ou *Raízes de Pessoa na Galiza – o Pessoa galego* (2018). E acabam de editar no Brasil o seu romance *fractal*, e mais por perto *A costela galega de Eça de Queirós*, *Cartas de Contrasta - e outros relatos* e *Portugal segundo a Galiza* (Theya Editores).

Marco Neves é professor na Universidade Nova de Lisboa e autor de várias obras sobre a língua portuguesa, em que presta especial atenção à relação com o galego. É investigador no CETAPS. É colunista no Sapo 24 e mantém a página *Certas Palavras*, onde escreve com frequência sobre questões linguísticas e culturais.

Helena González Fernández é diretora do ADHUC - Centre de Recerca Teoria, Gènere i Sexualitat da Universitat de Barcelona, professora de Estudos Galegos e Portugueses e académica correspondente da Academia Galega. A sua área de investigação académica centra-se na crítica literária feminista, na cultura popular, na teoria das emoções e nos estudos de género. Publicou inúmeros artigos, capítulos e livros sobre cultura galega (Rosalía de Castro, Manuel Antonio, Luís Seoane, Xohana Torres, Luz Pozo, María Mariño, Ana Romaní, Chus Pato, Margarita Ledo, Teresa Moure, María Reimóndez), sobre autoras brasileiras (Carol Bensimon, Hilda Hilst), sobre mulheres escritoras-testemunhas da repressão franquista e nazi (Mercedes Núñez, entre outras) e sobre as relações entre a cultura galega e a cultura catalã (Basilio Losada, Maria-Mercè Marçal, Maria Antònia Salvà). Desde 2014, coordena, com Mariám Mariño, *A Saia*, um arquivo digital de publicações feministas e LGTBIQ+ (coeditado pelo ADHUC e pelo Consello da Cultura Galega). Foi diretora do Centre Dona i Literatura e das revistas científicas *Abriu: estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal* e *Lectora: revista de dones i textualitat*.

Xosé María Gómez Clemente é profesor titular do Departamento de Filoloxía Galega e Latina da Universidade de Vigo. Doutor en Filoloxía Galega pola Universidade de Santiago de Compostela. Forma parte do grupo TALG (Tecnoloxías e Aplicacións da Lingua Galega) no que traballa no estudo da neoloxía en lingua galega, nalgúns aspectos da lexicoloxía e lexicografía especializada e en semántica (Galnet-Wordnet galega). Nestes momentos fai parte do proxecto, que obtivo financiamento público, para o deseño e redacción dun dicionario histórico e etimolóxico da lingua galega.

PAINÉIS TEMÁTICOS:
COMUNICAÇÕES

Painel 1 | 27 de outubro | 9h30 – 12h00

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Filosofia 1: Lucidez, Democracia, Política

Moderação: Kristof Vanhoutte (University of the Free State, Bloemfontein /
Paris Institute for Critical Thinking)

“A Plague of Blindness: Saramago and Agamben on Politics and Pandemics”

Carlo Sabbatini

(Università di Macerata)

RESUMO

The paper will present a comparison between the way José Saramago describes and treats the white blindness plague in *Blindness* and Giorgio Agamben's reactions to the COVID-19 pandemic. I will argue that, while the Portuguese writer showed *lucidity*, the Italian philosopher proved out to be rather *blind*. Saramago believes that the emergency is constant and real (and for this very reason can be transfigured, revealed, and faced in a work of imagination), while Agamben believes that the emergency can only exist as an “exception” created by the sovereign artifice. Saramago observes impartially the scientific “progress” through its achievements as well as its ideological and economic manipulations; he is aware of the risks of the research, but he also denounces the “pseudoscientific aberration” and warns against the “systematic attitude of denial”. For Agamben, everything that is popular, widespread, or shared (like scientific knowledge) is the result of occult persuasion and media alteration. Agamben, usually so generous with refined citations, when appeals to dissenting scientific “authoritative voices”, to “certain data and opinions from authoritative sources”, and to “authoritative jurists” to support his theses, is strangely devoid of references, apart from his own illustrious *placet*. For Agamben, a convinced anti-democratic, it is only a matter of corporatively distinguishing between “philosophers” and “ignorant”, perhaps making Platonic kings of the former. In their eyes, people's life is “bare life”, a clean slate object of contention between ignorant tyrants and esoteric circles of ‘Illuminati’, and on which the latter (the philosophers kings) must give a meaning that otherwise ordinary people alone couldn't give it. Saramago is a true democrat, who has lived under a real dictatorship and therefore practices the virtue of “impatience” rather than “hope”. For him life never allows itself to be reduced to “bare life”: it is intrinsically sensible, choral, and capable of finding itself by “questioning” and “reinventing” democracy through its economic and political short circuits.

CV

Carlo Sabbatini (1967) is full professor of Philosophy of Law at Macerata University (Italy). He earned a PhD in Theories of law and politics (Macerata) and one in the History of philosophy (Florence). His research interests are directed to classical German philosophy (he edited works Hegel and Fichte), and to the field of law and literature.

“The Color of Democracy. The Lesson of Saramago's *Ensaio Sobre a Lucidez*”

Marco Mazzocca

(Pavol Jozef Šafárik University / Università degli Studi di Trento)

RESUMO

Since a very first reading, there seem to be many possible interpretations of Saramago's *Ensaio Sobre a Lucidez*. The work, published for the first time in 2004, represents, in fact, not only the sequel to one of Saramago's most famous works (i.e., *Ensaio Sobre a Cegueira*) but also an actual thought experiment involving concepts such as democracy, rights, freedom, civic participation, and constituent power. However, as is often the case with concepts such as those just mentioned, the problem is that they are misleadingly simple: everyone seems to know what they are, yet there does not seem to be a shared definition of these concepts. Some of them indeed can be considered essentially contested concepts. Thus, they are not merely confused, ambiguous, and open-ended concepts; they are concepts that cannot prove what their ideal versions are. This work, therefore, has at least three main goals. The first is to provide a general overview of the meaning of some of the political and legal notions underlying Saramago's *Ensaio Sobre a Lucidez*, starting from what seems to emerge from the plot of the work itself. The second is to highlight some conceptual relationships created by the author in his work. In particular, it is stressed how the alleged "right to cast blank ballots" can seemingly lead toward a kind of "state of nature." The third goal is to reveal several possible problems of Saramago's view of democratic participation and thereby propose a legally and politically consistent reading of his work. Thus, after briefly analyzing some of the characteristics of the cornerstone concepts, this paper focuses on the problems related to the active participation of individuals in democracy as presented in Saramago's novel. The idea is to shed light on the relationship between democracy and civic engagement while showing how it seems that, according to the author, it is possible to de-structure a potential social contract "democratically."

CV

Marco Mazzocca is a postdoctoral fellow in Philosophy of Law at the Faculty of Law of the Pavol Jozef Šafárik University in Košice (Slovakia) and a researcher at the Faculty of Law of the University of Trento (Italy). In recent years, he worked as an assistant professor at the University of Trento and Pavol Jozef Šafárik University in Košice with teaching assignments in Jurisprudence, Sociology of Law, and Legal Education. He holds a Ph.D. in Law in 2020 from the University of Padua with a dissertation in Philosophy of Law. His main research interests include legal ontology, law and literature, and legal argumentation. In recent years, he has also been focusing on the issues of participatory democracy, civic engagement, and ontology, on which he has published some contributions in scientific journals and books.

“Seeing Populism”

David Jenkins

(University of Otago)

RESUMO

Central to the plots of many Saramago novels are catastrophes (geological; ophthalmological; biological) that defy explanation: Through what he describes as ‘virtual literature’, Saramago uses these catastrophes to ‘detach [literature] from reality in order better to reveal its invisible mysteries’. *Seeing*, however, does not operate at the extreme end of such detachment from reality: *Seeing* begins with two elections: the first is marred by a very low turnout, the second, conducted 8 days later, sees 83% of citizens casting blank votes. Both outcomes are entirely legal within the framework of any constitutional democracy. This is not then the shattering of continents, the cessation of death, or a rapacious white blindness, but only an increase in the already high levels of apathy that characterise modern democracies today. Reflecting the expansion of this space of disaffection, has been the increase in the attractions of populism, both left and right. Considerable differences notwithstanding, all definitions of populism agree that it involves a division between the people and the elite,

with the necessary addition that the former are favoured and the latter are despised. Just such a division also operates within *Seeing*. In this paper, I draw on John P. McCormick's account of the specifically 'ferocious populism' he argues characterises Machiavelli's approach to politics in order to explore an important gap in *Seeing*. The people in *Seeing* do not constitute a political animal that, by always insisting on its homogeneity and purity, is dangerous to democracy. Instead, they are passive, united, almost exclusively, by the spontaneous collective decision to reject all proffered claims to representation and infrequent expressions of solidarity. What thus goes missing then, from a populist Machiavellian perspective, is that necessarily *agonistic tension* between the political elites and the people that Machiavelli thought essential for preserving a community's liberty. Therefore, although the people are not to blame for the crisis precipitated by their collective defection, there remains an unspoken call to responsibility, a demand that the popular classes develop their agencies in ways that render them capable of meeting elites' terroristic provocations with their own ferocity.

CV

David Jenkins is a lecturer in political theory at the University of Otago. He has published articles on structural injustice, homelessness, the aesthetics and politics of public space in Kerala, themes of recognition in the work of James Baldwin, as well as a number of papers on work and unconditional basic income. His current work focuses on sociality within urban experiences, the concept of partisanship (with an emphasis on the Communist Party India (Marxist) in Kerala) and housing rights. He is currently co-editing a book on social rights (with Kimberley Brownlee and Adam Neal) that is due out from Oxford University Press next year.

“Visões e imagens alegórico-políticas em *Ensaio sobre a Cegueira* e *A Caverna*. Relações entre José Saramago e Guy Debord”

Gustavo Racy

(Universiteit Antwerpen / Pontífica Universidade Católica de São Paulo)

RESUMO

Partindo de considerações filosóficas a respeito da autoconsciência, reconhecimento e autoconsciência *em-si* e *para-si*, essa comunicação terá como objetivo explorar o legado sociopolítico de José Saramago por meio de uma breve interpretação de dois romances, considerados aqui como alegóricos, do autor: *Ensaio sobre a Cegueira* e *A Caverna*. Para isso, relacionaremos ambos os romances ao pensamento do filósofo francês Guy Debord, principalmente em seu modo de exposição presente em *A Sociedade do Espetáculo*, entendendo as obras de Saramago como ensaios ético-ontológico e socio-epistemológico, respectivamente. Interessar-nos-á, aí, investigar como o pensamento do autor português pode auxiliar, por seu próprio princípio literário, na reflexão acerca de nossa própria condição social no contexto do capitalismo neoliberal, principalmente por sua promoção de um mundo visual reificado, comoditizado e fetichizado, que, por meio disso, opera um controle que esvazia a humanidade de seu potencial para a liberdade por tornar impossível o reconhecimento interpessoal. Dito isto, veremos nesta apresentação de que modo os romances de Saramago espelham, primeiro no nível ontológico, depois no nível socioeconômico, o desmantelamento da autoconsciência observado, também, por Guy Debord. Tecendo relações entre visão, cultura, mercadoria, espetáculo e mito, concluiremos nossa comunicação mostrando que, ali onde Debord nos deixa para seu diagnóstico uma conclusão de algum modo pessimista, Saramago, em todo seu barroquismo, nos abre um princípio de esperança para uma sociedade porvir.

CV

Gustavo Racy (São Paulo, 1988) é doutor em Antropologia pela Universidade de Antuérpia (2018), onde é membro do Visual and Digital Cultures Research Center (ViDi), especialista em cultura visual e no pensamento de Walter Benjamin. Desde 2020, é sócio-editor da sobinfluencia edições.

Painel 2 | 27 de outubro | 9h30 – 12h00

Sala do 3º andar | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

História e Política

Moderação: Patrícia Cardoso (Universidade Federal do Paraná)

“De João Domingos Serra a João e Domingos Mau-Tempo: o memorial das lutas sociais através das personagens de *Levantado do Chão*”

Daniel Vecchio

(Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAPERJ)

RESUMO

Na primeira entrevista dada após o lançamento de *Levantado do Chão*, José Saramago não deixa de evidenciar com detalhes a surpresa e a importância que foi acessar os diários do trabalhador agrícola João Domingos Serra, que comporta o nome de dois dos quatro principais representantes da família Mau-Tempo, sendo o testemunho nuclear para a constituição do que veio a ser o seu romance de 1980. Por conseguinte, nesta apresentação, nos deteremos em alguns significativos detalhes desses diários que Saramago soube refigurar muito bem nas linhas do romance, mostrando-se dedicado às apropriações literárias das experiências e dos discursos dos muitos trabalhadores alentejanos alinhados aos seus axiomas e pontos de vista sobre a questão agrícola portuguesa ao longo do século XX. Veremos que, por entre os registros biográficos de João Domingos Serra, como o abandono paterno, o trabalho infantil, os forçados comícios salazaristas de Montemor-o-Novo e Évora, a sangrenta luta pela jornada de oito horas, bem como as prisões e as torturas cruéis, Saramago retoma as memórias, os traumas, os costumes, os imaginários e as necessidades de várias gerações de alentejanos. Portanto, o romancista propõe fazer uma investigação sobre a história e a vida dos trabalhadores agrícolas a partir da análise dos registros que fez dos períodos vivenciados junto a eles nos anos de 1976 e 77, memórias que tornam a história rural do Alentejo num romance que reconta o passado dos que permaneceram no país e lutaram arduamente por melhores condições de vida e trabalho.

CV

Daniel Vecchio é doutor em História pela UNICAMP, onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela UFV, onde foi pesquisador da CAPES. Atualmente, é investigador de Pós-Doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ, com pesquisa financiada pela FAPERJ e dedicada aos romances de José Saramago, sob a supervisão da Dr.^a Teresa Cerdeira. Faz parte do Grupo de Pesquisa da *Cátedra Libre José Saramago* dirigido pelo Dr. Miguel Koleff (UNC) e também faz parte do Grupo de Pesquisa *Saramago Leitor de Marx*, dirigido pela Dr.^a Vera Lopes da Silva (PUC-MG). Tem publicado em diversos periódicos científicos e apresentado comunicações em variados espaços dedicados ao centenário do escritor português, a exemplo do artigo “Crise ambiental e literatura em José Saramago”, que será publicado em Junho de 2022 na edição especial “100 anos de Saramago” da revista *Eccom*, número que está a ser organizado pelo Dr. Carlos Nogueira; além da comunicação intitulada “1986: O ano da morte da liberdade política-econômica de Portugal”, que foi apresentada no *Congresso Internacional José Saramago e o Transiberismo*, organizado pela Cátedra José Saramago da Universidade Autônoma de Barcelona em Março de 2022.

“Saramago na denúncia dos perigos da pós-modernidade”

Horácio Ruivo

(Universidade Aberta / Universidade de Lisboa)

RESUMO

Da análise transversal da obra de Saramago ressalta sempre, entre outros aspetos relevantes, a determinação do escritor na abordagem de temáticas que, tanto em situações do passado histórico como no presente, constituem verdadeiros atentados à ética e à dignidade humana. Quando nos focamos mais especificamente nalguns dos seus romances, sentimos esse grito de alerta lançado sobre a necessidade urgente de consciencialização do Homem em relação a uma certa estagnação, ou mesmo retrocesso, no que deveria ter sido um processo evolutivo das mentalidades. Na verdade, constata-se uma apatia cada vez mais comum em relação aos direitos e deveres cívicos que é confrangedora, por exemplo, nos momentos em que se escolhem os responsáveis políticos e vem, depois, permitir que estes distorçam o seu sentido ético de missão “pro populo”; sente-se um egoísmo generalizado, fruto em boa parte de uma sociedade pós-moderna valorizadora de um culto individual e da apetência pelo momento, que gera insensibilidade do ser humano perante os problemas do próximo; nota-se uma rendição quase total a um modelo organizacional de índole capitalista, que atropela tudo e todos e faz do dinheiro a carta universal da conduta humana; vive-se num mundo ambientalmente degradado e comprometido na sua sobrevivência, sendo, eventualmente, esta a principal consequência nefasta de muitas das situações de incúria política, de devoção ao capital, de inércia ou apatia, de perda de valores e falta de sentido humanista. A obra de Saramago continua, pois, e de forma cada vez mais premente, a inspirar a pesquisa das linhas de força que o autor terá usado como forma de materializar o seu pensamento e de estabelecer, com cada leitor, a cumplicidade necessária para que este se sinta implicado e responsabilizado no seu papel de ser humano e de cidadão, num mundo que não hesitou em qualificar de péssimo, mas que, em utopia, poderá, paulatinamente, transformar-se num espaço melhor - se cada pessoa se consciencializar da cegueira em que vive e agir em prol desse ideal.

CV

Horácio Ruivo nasceu em 1960. É doutorado em Literatura Portuguesa (2015) e mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares (2010). Possui licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas (1986) e em História (2002). É professor de Português e colabora regularmente com a Universidade Aberta em várias áreas (formação de professores, promoção da leitura, comunicação educacional e tecnologias multimédia). Tem apresentado comunicações sobre a sua especialização em José Saramago, em Portugal e em universidades espanholas e italianas. É investigador no Centro de Estudos Globais, da Universidade Aberta, e no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre outras, publicou, em 2017, a obra *A representação do espaço em Saramago – da negatividade à utopia*.

“O mal do poder: uma leitura de *Caim* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*”

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos

(Universidade de São Paulo)

RESUMO

Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, José Saramago recria mitos germinantes da cultura judaico-cristã e convida à releitura coletiva da Bíblia, a fim de refletir sobre credos e conceitos que se presentificam, produtos de um modelo que embasou sociedades e ainda determina preceitos morais. Nessa recriação, ocorre a reorganização de valores, pois, com o sagrado, angelical e profético “rebaixados” ao ordinário, são os “malditos” e transgressores que apontam para novas possibilidades nas relações humanas e denunciam o desequilíbrio de poderes. Neste trabalho, identificam-se os procedimentos utilizados pelo autor para a criação de uma alegoria antitotalitarista a partir do pré-texto bíblico, assim como a análise da construção das personagens “malditas”,

como Caim e Lilith, em *Caim*, e Diabo e Maria Madalena, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, além de demais personagens e tramas que consubstanciam as narrativas das personagens originalmente amaldiçoadas por Deus e pela história, assim como o Jesus saramaguiano, tornado símbolo de subversão. Tal análise tem como base as relações entre mito e questões sociais, conforme Chauí, Foucault e Marx, assim como as representações da Bíblia na contemporaneidade de Auerbach e Frye, além da revisão da crítica literária pertinente.

CV

Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos é professora de literatura no ensino secundário e na Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI-SP de Educação (FASESP), responsável pelas disciplinas “O texto literário”, “Prosa em língua portuguesa” e “Oficina de escrita e leitura literária”, assim como pela formação de professores na orientação de residência educacional. Mestranda em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), na linha de pesquisa “Diálogos e Conexões: outras artes, saberes e cenários”, com foco em literatura contemporânea, especificamente na obra de José Saramago, sob orientação da Professora Doutora Mônica Muniz de Souza Simas. Licenciada em Letras - Português e Inglês, com especializações em Ensino de literatura e língua portuguesa pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e em Tecnologias na Aprendizagem pelo Centro Universitário SENAC. Tem produções acadêmicas nas áreas de literatura, educação e suas tecnologias, publicadas em revistas como *Linha d'Água* (USP) e *Investigações* (UFPE). Atua na organização do ciclo de mesas redondas das Semanas de Arte Contemporânea da FASESP e como tradutora do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF).

“Saramago as a Secular Theologian”

Fernando Linhares

(University of Massachusetts Dartmouth)

RESUMO

A general definition of Secular Theology is the study of god (theology) from a nonreligious perspective (secular), rejecting the dualism of most religious belief. For secular theologians, any belief in a higher power is to be rejected or reside in this world, and as such influenced by socio-political realities. The higher power relied on by many Secular Theologians are principles of the Enlightenment and rationality. This work reflects on José Saramago's contribution to what has become the discipline of Secular Theology and Saramago's unique invitation for his audience to reflect on institutional dogmas instead of imposing Saramago's own communist dogmas. Although dozens of Saramago's works can be explored from the Secular Theology perspective, this paper will discuss the following three. *Baltasar and Blimunda* (1982), wherein the horror of inquisitorial rage is explored. *The Gospel According to Jesus Christ* (1991), wherein the complexities of family are illustrated. And *Cain* (2009), wherein a thorough interrogation of so many religious beliefs are presented. The Nobel Committee claimed Saramago's work represents “modern skepticism about official truths.” For progressive religious believers, ‘the church’ can only sustain itself if it engages with skeptics and continuously has the courage to reform itself. From this perspective, skeptics are a blessing and Saramago's work is to be appreciated. While Saramago, an avowed atheist, rejects institutional religion due to its nexus to violence, he invites his audience to craft their own perspective of the secular beloved community. In doing so he empowers the individual, the community and society, to engage in progressive actions for the good of all, especially the most marginalized. In a sense, he sacrifices institutional orthodoxy for communal liberation, a classic spiritual calling. As a prison chaplain I relied on Saramago's depiction of Jesus as not being an omniscient son-god, and in so doing critiquing the magnanimity of creator god. For those that have been convicted of criminal offenses or wronged by secular powers, there is much comfort in reflecting on Saramago's supposedly flawed Christ (seen introspectively) and the need to resist the violence associated with the social injustices that criminalize and/or exploits too many of the most marginalized in society. Instead of reflecting on a divine approach to inevitable challenges, Saramago's artistry facilitates personal empowerment, accountability and enlightenment, and with such artistic demystification of myths and dogmas there emerges reassurance, as well as life becoming more interesting and fulfilling.

CV

Fernando Linhares identifies as a first-generation Portuguese American from Newark, New Jersey. Fernando has taught at Kean University since 2005 and in 2021 completed an MFA from the Newport MFA program, his sixth graduate degree. An attorney for nearly thirty years (as well as former municipal prosecutor, judge, and Wall Street litigation associate), Fernando engages in various forms of prison ministry, explores interfaith restorative justice practices, and focuses on transformative justice approaches as a supplement to criminal justice systems — particularly as a diversionary process to avoid the trauma/stigma of prosecution and incarceration. He received a B.A. from New York University (Politics), J.D. from Rutgers University in Newark, LL.M. from Pace Law Center (environmental justice focus), M.A. from the University of Texas at Austin (Latin American Studies), M.Div. from the New Brunswick Theological Seminary (urban ministry focus), and D.Min. from Drew University (sociology of religion). He is presently exploring José Saramago (Portugal's only winner of the Nobel Prize for Literature) as a Secular Theologian as a PhD Student at UMass Dartmouth's Luso-Afro-Brazilian Studies and Theory program. Fernando teaches (and preaches) transformative justice alternatives by emphasizing that correctional and detention facilities are not ancillary, isolated, and segregated communities, but are a central concern to society-at-large (as well as faith-based institutions). He has also secured four units (~ 2,000 hours) of Clinical Pastoral Care, the last two through Emory University's Candler School of Theology as a member of University Hospital's (Level 1 trauma center) innovative Hospital Violence Intervention Program in Newark and awaits Board Certification in Chaplaincy, continuing to serve as a Chaplain in various prisons. Fernando has shared his work on five continents in nearly three dozen professional settings, including the United Nations. He is a 2014 Luce Graduate Fellow and a 2014 Summer Scholar at the preeminent Inter-University Consortium for Political and Social Research (University of Michigan). In 2015, he served as the plenary speaker at the first New Jersey statewide workshop on "Ministry to the Imprisoned in the Diocese of New Jersey" and is a lead facilitator for the Alternatives to Violence Project, certified Kairos Prison Ministry leader as well as trained through the Inside Out Prison Exchange member (Temple University). Research Interests: Transformative justice (alternatives to incarceration); Urban (environmental) sociology/criminology; Sociology of Religion (cultural criminology); Qualitative/mixed research methodology; Latin American Studies (comparative law); Legal Studies (sociology of law).

Painel 3 | 27 de outubro | 9h30 – 12h00

Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines

História, Ética, Tradução

Moderação: Miriam Ringel (Bar-Ilan University)

“The Book in José Saramago”

Miloš Ćipranić

(Univerzitet u Beogradu)

RESUMO

The presentation is premised on the thesis that every book, much like persons, has its own unique life and is capable of acting upon people. In *Diálogos com José Saramago*, Carlos Reis speaks of the “life” of literary works. Does the personification of the books, those inanimate objects, mean that they can be seen as our friends? In line with Saramago's affinity for defectological metaphors, it would appear that the literary work can only be a mute person, lacking the crucial human capacity of speech. Would Saramago find it acceptable that novels are pseudo-subjects, and could we claim – based on the title and theme of his short story collection – that the book is a kind of *objeto quase*? The paper examines whether Saramago can be said to be skeptical towards this idea (based, above all, on the writer's critique of social alienation, that is, the erasure of difference between humans and things), and inquires into his claim that the literary work carries “a person within” (*uma pessoa dentro*).

CV

Miloš Ćipranić is a Research Fellow at the Institute for Philosophy and Social Theory of the University of Belgrade. His field of investigation is theory of art and literature. He recently published the essay “The Work of Art as *Fictio Personae*” and edited the book *Umetnička dela kao osobe* [Works of Art as Persons]. He is a member of the Serbian Society for Aesthetics.

“Deixar as histórias escritas. O imperativo narrativo de José Saramago”

Markus Ebenhoch

(Universität Salzburg)

RESUMO

Os estudos literários, psicológicos e sociológicos das últimas décadas demonstram que as narrações sobre a própria vida têm um rol fundamental para a cultura tanto individual como colectiva. No ato de contar vidas selecionamos elementos importantes segundo os nossos sistemas de coerência (ideologia, religião etc.) e de tal maneira construímos identidades que fazem sentido no nível retrospectivo mas também no nível prospectivo (Pierre Bourdieu, Jerome Bruner, Judith Butler). Nos seus romances polifónicos que oscilam entre a história e a ficção (*Memorial do Convento*, *História do Cerco de Lisboa* e *A Viagem do Elefante*), José Saramago dá palavras a vários personagens que contam as suas histórias individuais. Que temas abordam as personagens principais e secundárias quando falam de si próprias? De que forma estas passagens autodiegéticas estão incorporadas na estrutura do romance? Como é que as narrativas sobre a própria vida correspondem às descrições do narrador e de outras personagens? A minha hipótese é que estas pequenas histórias narradas são um elemento central da estética narrativa e ética de José Saramago.

CV

Markus Ebenhoch é professor associado no Departamento de Filologia Românica da Universidade de Salzburgo, Áustria. Foi professor convidado na Universidade de Frankfurt am Main e pesquisador convidado no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Publicações: *Religionsdarstellungen im portugiesischen Roman des 18. Jahrhunderts* (2020) [O discurso religioso no romance português do século XVIII], *Armes Kuba. Armutsdarstellungen in der kubanischen Kurzgeschichte der 1990er-Jahre* (2013) [A Cuba pobre. Representações da pobreza nos contos cubanos dos anos 1990], *Das Theologumenon des 'gekreuzigten Volkes' als Herausforderung für die gegenwärtige Soteriologie* (2008) [O teologumenon do ‘povo crucificado’ como desafio para a soteriologia contemporânea].

“Por uma Ética da História segundo José Saramago”

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

(Universidade do Rio Grande do Norte)

RESUMO

As relações entre ficção e história constituem, talvez, numa das mais ricas e criativas para a obra de José Saramago e dadas as circunstâncias — sabemos que o seu projeto literário assume nelas suas bases — foram uma das mais pensadas pela crítica literária. Embora, cada uma dessas leituras possa oferecer, propriamente, uma concepção ou reiterar alguns dos princípios sobre o que denominaríamos como uma perspectiva saramaguiana sobre o tema, parece fundamental investigar tais nexos a partir de outro conjunto de textos que não os literários, os de natureza crítica e ensaística, que se dedicam explorar e discutir reflexivamente as nuances dessas relações. Dois textos do escritor são fundamentais: “Sobre a invenção do presente”, publicado inicialmente no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* em fevereiro de 1989, e “História e ficção”, aparecido no mesmo periódico, em março de 1990. A leitura proposta nesta comunicação se desenvolve a partir do exame desses ensaios e visa estabelecer algumas diretrizes sobre o que designamos como uma ética da história segundo José

Saramago. Entendemos que essa preocupação, nascida de uma crítica à noção de *fim da História*, se estabelece a partir da compreensão segundo a qual a história tal como a cultura ocidental passou a conceber é um tanto problemática porque se revela como outra das estratégias de domínio das ideologias que resultam na nulificação das vidas. A ética da história segundo Saramago se funda numa atitude reivindicativa; assim, nos textos referidos — mas também no seu romance, no teatro de cariz historiográfico e na prática interventiva desenvolvida ao longo do seu itinerário como homem das ideias —, tal ética fundamenta-se no trabalho de reparar o acontecido a fim de possibilitar novas significações para a história, compreendendo essa com aparelho outro de olhar suas próprias constituintes e como possibilidade para repensar criticamente o presente e, conseqüentemente, fundacional do futuro. Dentro e fora do seu universo criativo, essa ética é a da renovação pelo questionamento.

CV

Pedro Fernandes de Oliveira Neto é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É autor de *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago*. Coordena o grupo de pesquisa Estudos Sobre o Romance e a Coleção Estudos Saramaguianos, na qual publicou sob sua organização a coletânea de textos acerca do romance *Ensaio sobre a cegueira*, *Peças para um ensaio*. Dirige com Miguel Koleff a *Revista de Estudos Saramaguianos*.

“O apelo da tradução na escrita de José Saramago”

Nazir Ahmed Can

(Universitat Autònoma de Barcelona)

RESUMO

A relação de interdependência entre literatura e tradução foi objeto de inúmeros debates ao longo da história. Intensificada pela expansão ocidental no mundo, a circulação de pessoas, mercadorias e ideias fez da tradução uma peça fundamental no jogo das relações. Não surpreende, assim, que o tradutor se tenha consagrado inclusive como personagem na ficção literária. Nesta comunicação, todavia, privilegiaremos outro tipo de representação. Acionada como método, a tradução converte-se em “metáfora da contemporaneidade” (Ribeiro, 2004) em diversas narrativas de José Saramago. Veremos como, por via de específicas estratégias que remetem também ao exercício tradutológico, o autor português inscreve o “outro” (local ou estrangeiro) como resposta à autofagia nacional, a língua como um desdobramento do apelo ético que ronda o conjunto de sua obra, o intraduzível como motor de reflexão sobre a violência ritualizada (Venuti, 1998), a traição como alternativa prática (Ricoeur, 2004) e a criação como expressão de um desejo (Berman, 1995). Nossa comunicação não focalizará, portanto, o trabalho específico do tradutor José Saramago, mas antes a forma como tal experiência, já recuada no tempo, contribuiu para o desenho da proposta artística e filosófica que anos mais tarde viríamos a conhecer.

CV

Nazir Ahmed Can é professor Serra Húnter na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade Autônoma de Barcelona. Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UAB e pós-doutor pela USP, atuou como professor efetivo na UFRJ e como professor visitante na Universidade de Salamanca. É autor dos livros *João Paulo Borges Coelho: ficção, memória, cesura* (Folha Seca, 2021), *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio* (Kapulana, 2020) e *Discurso e poder nos romances de João Paulo Borges Coelho* (Alcance, 2014), e coautor, entre outros, de *Racism and Racial Surveillance: Modernity Matters* (Routledge, 2022), *The Africas in the World and the World in the Africas: African Literatures and Comparativism* (Quod Manet Press, 2022) *Geografias Literárias de Língua Portuguesa no Século XXI* (Tab Edizioni, 2021), *Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, diálogos e futuros* (Colibri, 2017) e *Hybridations problématiques dans les littératures de l’océan Indien* (Éditions K’A, 2010).

Painel 4 | 27 de outubro | 15h30 – 17h30

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Filosofia 2: Caverna, Negação, Derrida

Moderação: Carlo Sabbatini (Universitá di Macerata)

“José Saramago’s Cave: Philosophy, Vision, and Creation in Fiction”

Majid Amini

(Virginia State University)

RESUMO

José Saramago prefaces his novel, *The Cave*, with an exchange between Socrates and Glaucon, from Book VII of Plato’s dialogue, *Republic*, where in response to Socrates’ famous introduction of the allegory of the cave, Glaucon says “What a strange scene you describe and what strange prisoners,” and thereby Socrates is prompted to remark, “They are just like us.” Although it is not uncommon to see throughout history a multitude of authors and novelists borrowing this Platonic simile for their own purposes and projects, Saramago’s use of it is quite exceptional and ingenious in that it is not a liner application of the allegory to a new fictitious, or for that matter factitious, setting or situation. Indeed, it is the burden of this paper to show that the allegory of the cave in Saramago is employed at several different dimensions including ‘allegories within allegories’ thus raising the skeptical challenge of what constitutes reality as opposed to illusion to much higher stakes and, more revolutionary and radical, its ‘self-referential’ rendition of the novel itself as a cave. Saramago is not only challenging the authenticity of the presumed reality ranging from the mundane life to highfalutin epochs of modernity and progress but also the multifarious descriptions of this presumed reality in terms of both fictional and non-fictional versions including his own fictional reading of it. But, perhaps more significantly, it will be argued that in this allegorical journey into reality, Saramago is not exclusively walking in the shadow of the image of his Platonic master but unconventionally or, more accurately eclectically, ventures out in seeking company with several other giants in this narrative: namely, a Kantian obsession with duty and deontology, a Hegelian worldview of contradictions *vis-à-vis* conceptions and ideas, a Nietzschean perspectivalism in explanation and understanding, a Marxian quest for social justice, and a Freudian psychoanalytical unravelling of characters. Yet, all of these are taking place in Saramago’s authorial mind against the backdrop of the myths of creation, and specifically the traditional biblical one, where he attempts to subvert not only its structural tenets but to open up a fresh and fecund vista for what a creation should be in the absence of any cave. The focal character of the central protagonist, *i.e.*, the potter, patently provides Saramago with the *locus classicus* to mount his existential challenge and to proffer his ontological ersatz. However, it will be shown that, at the core of all these threads and strands of thoughts, Saramago is fundamentally fascinated by what “words” do and undo in the construction and creation of reality as, for instance, seen in the light of the ancient Egyptian creation stories that existence came into being through speech and words.

CV

Dr. Majid Amini is Professor of Philosophy at Virginia State University in the United States and has previously taught at the Universities of London and Manchester in the United Kingdom and the University of the West Indies in Barbados. In his tenure as the Coordinator of Philosophy at the University of West Indies, he designed and implemented a full undergraduate philosophy program and thereby expanded the Department of History into the Department of History and Philosophy with more than fifty students majoring in Philosophy. He has more than sixty refereed publications in the fields of postcolonial philosophical thought, philosophy of psychology, philosophical logic, philosophy of religion, and epistemology.

“O ‘não’ como base da filosofia, ideologia, e ética da obra de José Saramago”

José N. Ornelas

(University of Massachusetts Amherst)

RESUMO

O objetivo fundamental da minha apresentação é demonstrar que o ‘não’ é a base do pensamento filosófico, ideológico, ético e histórico da obra de Saramago. O ‘não’ é uma forma de afirmação de uma realidade diferenciada e de um mundo em que a inclusão do outro, ou seja, os não privilegiados, é sempre assumida pelo autor. Esta responsabilidade ética pelo outro, a base da filosofia de Levinas, a qual está sempre presente na obra de Saramago, significa que o sujeito se origina como uma resposta à chamada do outro. O eu saramaguiano é um eu intersubjetivo que está em constante diálogo com o outro, mesmo que o outro lhe seja desconhecido. A responsabilidade ética dita que o eu tem que responder ao apelo do outro. A compaixão, a solidariedade e a generosidade seriam algumas das manifestações da necessidade do eu responder ao sofrimento do outro e assim poder realizar-se como ser humano. Não há humanidade sem esta responsabilidade ou fundação ética, facto que é sumamente comprovado na obra de Saramago. O ‘não’ saramaguiano é uma forma de desafio, resistência e desconstrução de verdades, normas e símbolos cristalizados, transcendentais e absolutos que beneficiam exclusivamente os poderosos. Através do ‘não’, Saramago reconhece e tacitamente afirma que a jerarquia do poder não é mais do que uma construção arbitrária e artificial que legitima certas representações do mundo que servem e beneficiam os interesses de determinados grupos e que exclui outros, as classes baixas, aquelas que apesar de não beneficiar do exercício do poder aceitam e acreditam na legitimidade do poder e daqueles que o exercem. O poder simbólico, como condição do seu êxito, assenta nesta legitimidade dos que são subjugados pelo próprio poder. Saramago entende claramente como funcionam os processos e os mecanismos do poder e, como tal, dedicou toda a sua carreira literária a desmascarar como o poder é exercido e dissimulado para beneficiar certos grupos. A minha apresentação baseia-se na filosofia e nas ideias de três figuras fundamentais para a compreensão da obra de Saramago: Levinas, Bourdieu e Foucault. Há vários ‘nãos’ sagrados em Saramago: esses serão a matéria do meu ensaio.

CV

José N. Ornelas currently retired from the University of Massachusetts Amherst, where he worked from 1974- 2017. A specialist in contemporary Portuguese narrative, whose areas of research included gender identity, national identity and construction, post-colonial studies, film studies, and cultural politics within a multicultural and transnational framework. His scholarly work, two co-editions and over 50 book chapters and articles that have appeared in various journals in the US, Brazil, Portugal, Spain have focused on a wide range of issues and writers from Portugal, Lusophone Africa and Brazil, including Camões, Eça de Queirós, the Nobel Prize winner José Saramago (several articles and two co-editions), José Cardoso Pires (several articles), Teolinda Gersão (several articles), Maria Velho da Costa, Mía Couto, Lúcia Jorge, José Luandino Vieira and Pepetela. A co-edition with Paulo de Medeiros, entitled *Saramago After the Nobel: Contemporary Readings of José Saramago's Late Works*, published by Peter Lang, is coming out this summer.

“Blimunda’s Memorial — Approaching Death and Ethics in José Saramago”

Burghard Baltrusch

(Universidade de Vigo – I Cátedra José Saramago)

RESUMO

This paper aims to show that José Saramago’s novel *Memorial do Convento* (1982), translated into English as *Baltasar and Blimunda* (BaB), contains various layers of memory. On the one hand, we have the well-known literary-historical account of the construction of the Convent of Mafra, which focuses on those people and

circumstances silenced by official history. It is an account that rewrites history from the perspective of the defeated — both men and women —, but also from the perspective of the people in a wider sense, the people seen as a collective with agency, an entity that produces both work and culture, and upon whose history Saramago sheds light. I will attempt to show that beyond this literary-historical recording, the object of most studies that have focused on the novel, there is also what I term a “memorial of Blimunda”, as she is the figure that combines all the narrative threads of the novel and, ultimately, the figure through whom the ethical and political message of the text is conveyed. This layer of memory constitutes a kind of accounting within an economy of sacrifice that is, in the words of Jacques Derrida, “une économie assez équivoque pour paraître intégrer la non-économie”, and which, “dans son instabilité essentielle [...] semble tantôt fidèle, tantôt accusatrice et ironique à l’endroit du sacrifice chrétien” (1999: 148). This deep memory refers to the ethical questions goodness, responsibility, faith, and secrecy that characterize Blimunda, but also allows us to read BaB as an ironic “commercial novel”, which contains a subversive, but clearly ethical and political, account of the Biblical economy of selfless sacrifice. I will explore these questions in the light of Jacques Derrida’s discussions in *The Gift of Death* (1999), to highlight how the figure of Blimunda implies an attempt not only to deconstruct, but also to rewrite fundamental elements of Western thought regarding the ethical responsibility of the subject.

CV

Burghard Baltrusch is the president of the International José Saramago Chair at the University of Vigo where he teaches Lusophone Studies, and coordinates the research group BiFeGa and the Interuniversity Doctoral Programme in Literary Studies. He is also a member of the research group Intermedialidades at the Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa of the University of Porto, as well as of the Interuniversity Centre for Research on Atlantic Landscapes and Cultures (CISPAC). His research focusses on Fernando Pessoa, José Saramago, contemporary poetry and translation theory. Currently, he coordinates the research project “Contemporary Poetry and Politics – Social Conflicts and Poetic Dialogisms” (POEPOLIT II, PID2019-105709RB-I00). He has been president of the International Association of Galician Studies (AIEG) and coordinated several doctoral programmes and international conferences. Some of his published or edited volumes are *Bewußtsein und Erzählungen der Moderne im Werk Fernando Pessoa* (1997), *Kritisches Lexikon der Romanischen Gegenwartsliteraturen* (5 vols., with W.-D. Lange et al., 1999), *Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry* (with I. Lourido, 2012), *Lupe Gómez: libre e estranxeira - Estudos e traducións* (2013), “*O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia*” - *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago* (2014) and *Poesia e Política na Actualidade – Aproximações teóricas e práticas* (2021). For more publications please visit <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.

Painel 5 | 27 de outubro | 15h30 – 17h30

Sala do 3º andar | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Filosofia 3: Montaigne, Hobbes, Byung-Chul Han

Moderação: Nazir Ahmed Can (Universitat Autònoma de Barcelona)

“Saramago leitor de Montaigne: aspectos da presença dos *Ensaio*s nos *Cadernos de Lanzarote*”

Naiara Martins Barrozo

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO

Montaigne é reconhecidamente um dos filósofos que mais influenciou a escrita e o pensamento de José Saramago. Esta é a posição, por exemplo, de comentadores como Salzani e Vanhoutte (2018). Segundo afirmam em “Introduction: Proteus the Philosopher, or a Lover of Wisdom”, “a linhagem filosófica de Saramago retorna para aqueles mestres do racionalismo refinado e compassivo como Montaigne e Voltaire, para uma filosofia antiacadêmica que explora as profundezas, luzes e sombras da condição humana em formas que confundem e

misturam os gêneros da literatura e a compartimentalização acadêmica”. Para eles, inclusive, “é precisamente nesse sentido que sua obra é profundamente ‘filosófica’ como os mestres antigos”. Esse pensamento filiativo encontra ressonância na própria percepção que o escritor tem de sua obra. Na anotação do dia 21 de julho de 1996 do “Diário IV”, vamos encontrar uma árvore genealógica literária de Saramago, elaborada por ele a pedido de uma revista espanhola, na qual Montaigne aparece “porque não precisou de Freud para saber quem era” (SARAMAGO, 1999, p. 179). Assim, a apresentação que proponho tem como objetivo pensar e expor a presença de alguns elementos dos *Essais* (1580) de Montaigne que são mobilizados por José Saramago na configuração do projeto dos *Cadernos de Lanzarote*, considerando todo o conjunto de diários publicados. Não se trata aqui de buscar em um a cópia do outro, de equiparar Saramago a Montaigne, mas, antes, de ver como o projeto especular montaigneano desenvolvido no século XVI dá elementos para um escritor português do século XX pensar questões de seu tempo e elaborar sua escrita em um texto que ele mesmo diz ser, na introdução ao primeiro caderno, o olhar do espelho sobre si. Proponho que nos detenhamos às ideias do texto como prolongamento do eu, como prolongamento do outro, e, claro à ideia de morte para perceber como elas são trabalhadas em ambos os autores.

CV

Naiara Martins Barrozo é doutora em Teoria da Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2022), mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (2014), bacharel em Letras (UERJ), Filosofia (UFF), e Jornalismo (Puc-Rio). Desde 2010, pesquisa a relação entre filosofia e literatura. Suas investigações contaram com o apoio da Faperj, da Capes, e do CNPq. No âmbito do doutorado, passou a se dedicar aos textos de Saramago e à observação do modo pelo qual seu trabalho dialoga com filósofos como Voltaire, Benjamin e Montaigne. Em 2022, defendeu a tese "José Saramago leitor de Montaigne: a presença dos *Ensaio*s nos *Cadernos de Lanzarote*", a ser publicada.

“La exploración ficcional de José Saramago desde los postulados de Walter Benjamin e Byung-Chul-Han. Una continuidad de *La Caverna de José Saramago. Una imagen dialéctica de Miguel Koleff*”

María Ximena Rodriguez

(Universidad Nacional de Córdoba – Cátedra Libre José Saramago)

RESUMO

Con la intención de dar continuidad al trabajo de análisis crítico *La Caverna de José Saramago. Una imagen dialéctica* (2013) del especialista en literaturas lusófonas, Miguel Koleff, nos proponemos en el siguiente estudio hacer dialogar *La Caverna* (2000) de Saramago con las nociones epistemológicas de sujeto histórico de Walter Benjamin y los postulados: sociedad y sujeto del rendimiento del ensayista surcoreano Byung-Chul-Han. Describir y aplicar las antedichas categorías a la narrativa saramaguina, será el punto de encuentro entre la Filosofía y el texto del corpus. Por tratarse de un relato que aborda cuestiones tales como el consumismo y anticonsumismo, el capitalismo y el neoliberalismo, entre otras problemáticas; consideramos a la obra del escritor ibérico un motivo impar para reflexionar acerca de la globalización y los comportamientos culturales que la acompañan. Tomamos como campo de aplicación la tensión existente entre la exclusión de la población rural, representada por el personaje Cipriano Algor, y el centro comercial, exponente de las dinámicas que la sociedad neoliberal o del rendimiento imponen al sujeto actual y que este acepta de manera voluntaria y aislada, según Han. Para ilustrar lo dicho, el autor lusitano vuelca, en la obra que nos ocupa, dos espacios que no parecen ser-para la sociedad del rendimiento- complementarios: el campo y la ciudad. Uno; por estar asociado a la demora, lo singular y la contemplación y el otro; por constituir la absolutización de la vita activa y la entronización del reino de lo igual. Así, a partir de las experiencias de sufrimiento atravesadas por el alfarero se interpela un presente que desestima a las personas *económicamente improductivas* que defraudan las imposiciones del mercado y a las entidades de vigilancia que las secundan. No obstante ello, el protagonista de esta historia simple no se rinde y ofrece resistencia a un régimen que ejerce un poder inteligente, de apariencia amable que reduce con prescripciones y eufemismos cualquier amenaza mediante mecanismos que son, como

bien avisa el sabio Cipriano, “como aqueles casos em que alguém o alguma coisa nos andam a empurrar pelas costas, sem que saibamos porquê nem por onde” (p. 29).

CV

María Ximena Rodríguez Lic. en Comunicación Social (Universidad Nacional de Córdoba) y Prof. de Portugués, Facultad de Lenguas (UNC), maestranda del posgrado Culturas y Literaturas Comparadas (UNC). Docente de la Cátedra Libre José Saramago, radicada en la Facultad de Lenguas (UNC) y miembro de los equipos de investigación del Dr. Miguel Koleff. Docente de la Facultad de Lenguas (UNC), de la Universidad Nacional de La Rioja y de la Universidad Provincial de Córdoba.

Publicaciones: Rodríguez, M.X; Ruarte Bravo, C.N. 2020; “Sujeto Histórico y Mesianismo en la Tierra áspera de *Levantado del Suelo* de José Saramago. Un Análisis de la Ficción Saramaguiana desde Walter Benjamin”, en *Revista de Estudos Saramaguianos* vol. 1, n.12. Rio Grande do Norte, Brasil. ISSN 2359 3679. Edición digital: <https://estudossaramaguianos.com/sujeto-historico-y-mesianismo-en-la-tierra-aspera-de-levantado-del-suelo-de-jose-saramago-un-analisis-de-la-ficcionsaramaguiana-desde-walter-benjamin/> agosto 2020.

“Mamma son tanto felice: la narrativa de Ruffato desde Walter Benjamin” en *La Modernidad como Infierno Provisorio: Luis Ruffato desde Walter Benjamin*, compilación a cargo del Dr. Miguel Koleff, por Ximena Rodríguez y Silvia Nataloni, 1ª. ed. Córdoba: Ferreyra Editor, 2019, (41- 60). ISBN 978-987-766-015-9. Prólogo de Helena Bonito Couto Pereira. Libro que cuenta con el aval académico del Consejo Editorial de la Facultad de Lenguas de la UNC.

Painel 6 | 27 de outubro | 15h30 – 17h30

Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines

Política e Filosofia

Moderação: Antía Monteagudo Alonso (Universidade de Vigo / CJS)

“Alarbardas, alabardas, espingardas, espingardas: mais uma obra na instância pedra no percurso político-estético de José Saramago”

Vera Lopes da Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

RESUMO

Este artigo faz parte de um rol de estudos que contemplam o diálogo entre José Saramago e Karl Marx. Percorrendo o fio proposto pelo autor português no que se refere ao caminho estético da construção de suas obras – da estátua à pedra –, a hipótese da pesquisa em que se insere este artigo é a de que o percurso saramaguiano está forjado no seu encontro ideológico com o marxismo, teoria que o impulsionou a perscrutar a sociedade em dimensão política e a reverberar tudo esteticamente. Então, analogamente ao método analítico de Marx de ir da aparência à essência, Saramago segue da estátua à pedra. Instaurar-se nessa segunda instância de produção exige intenso labor, quer pela dificuldade que se dá no enfrentamento da realidade cercante, – descamando-a até chegar a uma essência e assim compreendendo, dolorosamente, os ardis de que se arma o capitalismo –, quer pelo embate com a linguagem estética, esta que tudo põe à prova, porque, sob o manto da metáfora, tudo aclara. São duas exigências determinadas pela posição política do autor português. Assim, a obra inconclusa *Alarbardas, alabardas, espingardas, espingardas* se constitui como proposição estético-política de desnudamento do real — o enredo anunciado se desenvolve(ria) a partir de um arguto olhar sobre certas relações sócio-econômico-políticas, situadas no tempo a partir da década de 30 do século XX: a associação entre governo e indústria armamentista, denunciando que ambos se sustentaram reciprocamente. Nessa esteira, a categoria espaço se prenuncia com roupagem inédita: dialoga com a categoria tempo, de forma que, para passar da aparência à essência, será preciso ao contabilista Artur Semedo adentrar na fábrica de armas (edifício de produções belona s.a), percorrer sua arquitetura antiga, barroca, indo até seu subterrâneo, onde encontrará o

arquivo histórico, tomado de provas da selvageria do interesse econômico. O movimento espaço-temporal, da superfície à profundidade, da aparência à essência, é objeto deste artigo que se debruça sobre a forma estética ofertada na inconclusibilidade dessas únicas páginas, de modo a compreender ainda mais o movimento da estátua à pedra.

CV

Vera Lopes da Silva é doutora em literatura comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora no Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ministrando literaturas de língua portuguesa. Coordena o grupo de pesquisa "Saramago, leitor de Marx". Entre seus trabalhos, está o artigo "Ensaio sobre a cegueira e Ensaio sobre a lucidez: estética e engajamento promovidos por José Saramago, leitor de Karl Marx", publicado na obra "José Saramago: a escrita infinita" (Lisboa: Tinta da China, 2022)

“José Saramago: ‘A Questão é a do Socialismo’”

Carlos Nogueira

(Universidade de Vigo – I Cátedra José Saramago)

RESUMO

Para compreendermos o pensamento de José Saramago, temos de ler as crônicas do autor e outros dos seus muitos textos de opinião e ação políticas, tanto os escritos antes do 25 de Abril de 1974 como, sobretudo, os redigidos durante e a seguir à revolução, já sem o espectro da censura a obrigar Saramago a procurar subterfúgios de expressão. Em várias centenas de páginas, sempre num estilo vivo, dialético e aberto, José Saramago expôs incansavelmente as suas ideias para o país, para o mundo e para o ser humano. Nunca abdicou de criticar a visão inadequada e tendenciosa da democracia em geral e de não poucos estadistas democráticos. Interessou-se tanto pelo lado humano do problema político, pelos homens e pelas mulheres das políticas concretas, como pelas reformas institucionais; acusou o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo, a globalização neoliberal, as privatizações sem critérios mínimos de proteção dos interesses públicos, as funções inflacionadas do FMI e do Banco Mundial, e o afastamento do Estado e da política das suas funções de regulação da economia. Na coletânea *Folhas Políticas* (1999), que reúne artigos políticos que Saramago escreveu entre 1976 e 1978, o tema “democracia” é recorrente. A crónica que abre o volume, “A Questão é a do Socialismo”, publicada em fevereiro de 1976, põe-nos perante um homem que discute sem evasivas os grandes temas do socialismo e da democracia. Nesta comunicação, ocupo-me deste texto e do que ele nos diz sobre José Saramago, que concebia um socialismo progressista, humanitário e igualitário, e que nunca se furtou às suas responsabilidades de cidadão empenhado na construção de uma sociedade aberta em cuja matriz a liberdade e a emancipação individuais são valores que devem incluir responsabilidade e deveres. Dito de outro modo: “A Questão é a do Socialismo” ajuda-nos a ver como o socialismo de Saramago não é o socialismo científico de Marx; o socialismo saramaguiano, embora de matriz marxista em aspetos essenciais como o envolvimento moral humanitário e a construção de uma sociedade justa para todos, reclama-se da tradição da liberdade e do comprometimento individuais.

CV

Carlos Nogueira é professor universitário e diretor científico da I Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo. O seu trabalho ensaístico tem-se centrado especialmente nas relações entre a Literatura, a Filosofia, a Política e o Direito. Tem publicado livros de ensaio em editoras como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Imprensa Nacional – Casa da Moeda, a Porto Editora, as Edições Europa-América, as Edições Lusitânia, a Livraria Lello e a Tinta-da-China. Recebeu o Prémio Santander de Internacionalização da Produção Científica da FCSH / Universidade Nova de Lisboa, o Prémio Montepio de Ensaio, o Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho e o Prémio de Ensaio Vergílio Ferreira.

“Pela Memória as Palavras Caminham: A Filosofia na Obra de José Saramago”

José Flôr de Medeiros Júnior

(Universidade de Uberaba)

RESUMO

A escolha no campo da escrita acadêmica perpassa por exclusão e termina sendo redimensionada ao longo das leituras realizadas ao terreno do texto a ser elaborado. Residindo, aqui, outro processo de exclusão a perpassar pelas leituras não realizadas à elaboração da escrita. O trabalho artesanal do escrever caminha por (re)dimensionamentos e (re)cortes ao pensado em sentido primeiro a ser sempre (re)pensado. *Levantado do Chão* de José Saramago possibilita caminhar com o fito de estabelecer um (re)pensar da categoria memória ao longo da caminhada no universo da interface Literatura e Filosofia. Destaque-se, de plano, não ser objeto deste caminhar, nem objetivo, discutir a teoria literária ou uma das inúmeras teorias filosóficas. Estaremos localizados no sítio da intersecção Literatura e Filosofia a partir do escrito saramaguiano *Levantado do Chão*. Por esta seara estaremos a refletir sobre memória, paisagem, lugar, tempo, espaço e cidadania a partir de José Saramago. Por este percurso, o da memória no/do caminhar, é que estamos a propor uma abordagem na interface Literatura e Filosofia, de *Levantado do Chão* de José Saramago. A arquitetura de *Levantado do Chão* é (re)cortada por diálogos acerca do caminhar pela Literatura em interface com a Filosofia, além das discussões sobre as transformações políticas ocorridas no espaço onde a escrita está localizada. Ademais, como expôs Saramago, “a fronteira é uma porta aberta.” (Saramago, 2012, p.115). Sendo assim, a leitura de *Levantado do Chão* deve ser realizada de forma desterritorializada ultrapassando os limites fronteiriços advindos das cartas geográficas e que terminam demarcando territórios e limitando o conhecimento. Isto posto, se faz necessário afirmar que aquele a dialogar com a categoria memória a partir de uma obra literária estabelece tessitura necessária às narrativas presentes ao território da literatura sabendo ser necessário ultrapassar a fronteira edificada. As páginas de *Levantado do Chão* são labirintos que podem apontar uma situação de saída ou um enredar do leitor por caminhos sem retorno. Por esta senda, o objetivo deste escrito habita na procura de erguer no espaço acadêmico discussão sobre a categoria memória referenciando-se em *Levantado do Chão*.

CV

José Flôr de Medeiros Júnior é Mestre em Ciências Jurídicas - PPGCJ – UFPB. Mestre em Direito Econômico - UNIPÊ; Graduado em Direito (FACISA – PB); Graduado em História (UEPB); Pós-Graduado em História do Nordeste (UEPB); Membro Pesquisador do NEPEDILL – Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito e Literatura “Legis Literae” (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3087154174160661>); Membro Pesquisador do Contra Legem: Núcleo de Estudos sobre Epistemologia Jurídica (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0038998831869053>); Membro Pesquisador do Grupo de Pesquisa Constituição e Relações Empresariais na Linha de Pesquisa Constituição e Relações Empresariais (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5137698932567319>); Também é Membro Pesquisador do Grupo de Estudos de Saberes Ambientais Homenagem a Enrique Leff - Sustentabilidade, Impactos, Racionalidades e Direitos na Linha de Pesquisa Cidadania ambiental latino-americana e desenvolvimento sustentável (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2637545055336725>); Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura – RDL - <http://rdl.org.br>; Membro associado do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – CONPEDI – <http://conpedi.org.br> – E-mail: jfmjmedeiros@gmail.com.

“Saramago e as Pandemias na Sociedade da Informação”

Maria Irene Fonseca e Sá

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO

O que diria José Saramago sobre os tempos atuais e as incertezas que os seres humanos estão a vivenciar? Provavelmente, o mesmo que já está dito em seus romances. Assim, o objetivo do trabalho é buscar, nas obras

de Saramago, citações e reflexões que remetam à discussão das pandemias que assolam a sociedade atual, dita sociedade da informação. São estudados, especialmente, os romances *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *A caverna* (2000) e *O homem duplicado* (2002). Saramago afirma, no romance *O homem duplicado*, que “O mundo não tem mais problemas que os problemas das pessoas” e, portanto, leva seus leitores a refletirem sobre os problemas do mundo em que vivem. A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento do *Ensaio sobre a cegueira*, que descreve, com crueldade, episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano e ao que há de pior nele, ficando esquecidos e perdidos tanto os direitos quanto os deveres de cada pessoa. Na parábola social *A caverna*, Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais. No romance *O homem duplicado*, Saramago mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano. É apresentado um ser humano incapaz de se ver no próximo, em que o ‘eu’ fica ameaçado pela presença do ‘outro’. É a questão da alteridade. Saramago é um crítico quanto ao atual estado do mundo, onde impera o egoísmo e a ganância, o que fica explícito em “[...] a própria humanidade se encarregará de destruir o mundo e destruir-se a si mesma”. No entanto, Saramago, um homem pessimista (apesar de afirmar que “Não sou pessimista, o mundo é que é péssimo”), cético, polêmico, satírico, ativista e que incomodava com suas críticas, tem momentos de otimismo, nos quais procura incentivar seus leitores a serem instrumentos de mudança.

CV

Maria Irene da Fonseca e Sá é Docente na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduação em Informática – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação, COPPE/UFRJ, 1982. Doutorado em Ciência da Informação – PPGCI/IBICT/UFRJ, 2013. Pós-Doutorado em Ciências da Comunicação e Informação – Universidade do Porto, Portugal, 2015. Extensão Universitária em Iniciação Teológica à Distância. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil, 2009.

Painel 7 | 28 de outubro | 9h30 – 12h00

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

O poético e o político

Moderação: Burghard Baltrush (Universidade de Vigo - I Cátedra José Saramago)

“O Eu e o Outro nos *Poemas Possíveis*: do sujeito lírico ao sujeito político”

Barbara Fraticelli

(Universidad Complutense de Madrid)

RESUMO

La creación en verso de José Saramago, tradicionalmente menos estudiada que su amplísima producción narrativa, revela desde el principio unas líneas temáticas muy próximas a su ficción, además de una actualidad sorprendente, incluso varias décadas después de su publicación por primera vez. Como afirma el propio autor, en la reedición de *Os Poemas Possíveis* en 1982 (dieciséis años después de su primera versión de 1966), “o romancista de hoje decidiu raspar com unha seca e irónica o poeta de ontem, lacrimal às vezes. Ou, para usar expressões menos metafóricas, procurou tornar *Os Poemas Possíveis* possíveis outra vez. Ao menos.” (Saramago 1982: 14). En este trabajo se analizan las principales directrices que rigen esta parte de la producción poética saramaguiana, y se teje una red de correspondencias entre los versos más líricos, dedicados a la figura de la amada, y los versos más reivindicativos del papel del Yo poético en la configuración de una sociedad libre de opresión política, libre de convicciones religiosas falaces y libre de condicionantes culturales y literarios, lo que influirá decisivamente en toda su producción posterior. El propio Saramago intuye el peso que su poesía

tendrá en su prosa, y abre este volumen con una cita de Antonio Machado: “Demos tiempo al tiempo: / para que el vaso rebose / hay que llenarlo primero”.

CV

Barbara Fraticelli es profesora titular de Filología Gallega y Portuguesa y directora del Departamento de Estudios Románicos, Franceses, Italianos y Traducción de la Facultad de Filología de la Universidad Complutense de Madrid. Dirige el Grupo de Investigación *Voces Africanas*, compuesto por investigadores españoles y extranjeros. Ha publicado volúmenes monográficos y artículos en revistas científicas nacionales e internacionales, y actualmente coordina el Seminario de Estudios Lusófonos de la UCM. Sus líneas de investigación se centran en la literatura portuguesa contemporánea, las literaturas africanas de expresión portuguesa, las literaturas románicas comparadas, la imagen de la ciudad en la literatura y la literatura de viajes.

“O ano de 2041”

Patrícia Lino

(University of California, Los Angeles)

RESUMO

Esta apresentação analisará o desenvolvimento técnico e estético dos três livros de poemas publicados por José Saramago entre 1966 e 1975 (*Os Poemas Possíveis* [1966], *Provavelmente Alegria* [1970], *O Ano de 1993* [1975]) e a relação de sobretudo o último com a linha distópica dos trabalhos de certas(os) poetisas portuguesas(es) novíssimas(os) como, por exemplo, Margarida Vale de Gato ou Ricardo Tiago Moura.

CV

Patrícia Lino (1990) é poeta, ensaísta e professora universitária. Ensina literaturas e artes visuais afro-luso-brasileiras na UCLA e publicou, até à data, *Aula de Música* (2022), *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), *No es esto un libro* (trad.: Jerónimo Pizarro, 2020) e *Manoel de Barros e a Poesia Cínica* (2019). Dirigiu recentemente *DAEDALUS 22/1* (BRA 2021), *Anticorpo. Uma paródia do império risível* (EUA-POR 2019) e *Vibrant Hands* (EUA-POR 2019). Lançou também o álbum de poesia mixada *I Who Cannot Sing* (2020). Apresentou, publicou e expôs ainda ensaios, poemas e ilustrações em mais de sete países. A sua investigação centra-se na poesia contemporânea, culturas visual e audiovisual, paródia, anticolonialismo e cinema luso-brasileiro. É membro integrado do UCLA Latin American Institute, colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e co-coordenadora d'A *Colecção*, linha editorial das Edições Macondo dedicada à publicação da poesia portuguesa contemporânea no Brasil. <http://patricialino.com>.

“Um livro de pedras: Poesia e história em *Memorial do Convento*”

Luciana Namorato

(Indiana University Bloomington)

RESUMO

Nesta comunicação, retorno ao romance *Memorial do convento* (1982), objeto de pesquisa de minha tese de mestrado, defendida há mais de vinte anos, com vistas a melhor compreender as contribuições do elemento poético para o processo de reconstrução da história oficial insinuado pela ficção de José Saramago. Tomando como metáfora a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão, revisito minhas interpretações iniciais sobre a desconstrução da história oficial no romance e argumento a favor do papel fundamental do elemento poético para a concepção de uma História mais humanizada, em que o progresso é movido também pelos medos, anseios e sonhos individuais. Será o poético a chama desta peculiar proposta de história saramaguiana? Será a poesia dos homens o combustível deste romance-passarola?

CV

Luciana Namorato é mestra e doutora em Literatura pela University of North Carolina – Chapel Hill, e profesora de Português e Literaturas em Língua Portuguesa na Indiana University Bloomington, nos Estados Unidos, onde dirige o Programa de Português. É autora de *Diálogos borgeanos* (7Letras, 2011), e coeditora de *A literatura luso-brasileira no contexto global: atravessando fronteiras* (número especial da *Revista Moara*, Universidade Federal do Pará, 2017), *Eça de Queirós e Machado de Assis: diálogos transatlânticos* (número especial da *Revista de Estudos Literários*, Universidade de Coimbra, 2016) e *La palabra según Clarice Lispector: aproximaciones críticas* (Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2011), entre outras obras.

“O ano de 1993, a vida cyborg e as especies de compañía”

Rodrigo Herrera Alfaya

(Universidade de Vigo)

RESUMO

Este traballo busca pór en relación a obra *O ano de 1993* de José Saramago e unha serie de nocións propostas pola pensadora feminista Donna Haraway, tomando en consideración dúas das súas obras máis célebres: *O manifesto cyborg* e o *Manifesto das especie de compañía*. Para tal fin, fíxose unha revisión xeral da relación animal/humano na obra saramaguiana que precedeu *O ano de 1993*. Intentando así identificar a traxectoria conceptual dese binomio na obra do autor. Do mesmo xeito, o exercicio comparativo tamén tomou en consideración a pequena constelación de autores e autoras que compartiu con Haraway un mesmo debate sobre o límite do humano. Hai, entón neste traballo, un cruzamento entre unha discusión propia da filosofía, o pensamento feminista e a representación da distopía na obra de Saramago.

CV

Rodrigo Herrera Alfaya (Cidade de México) graduado en Ciencias da Linguaxe e Estudos Literarios con mención en Filoloxía Galega na Universidade de Vigo e profesional das artes vivas con formación profesional na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM).

“O corpo inviolábel das minotauras: o poético e a violencia en *O ano de 1993*”

Marinha Paradelo Veiga

(Universidade de Vigo)

RESUMO

O libro de *O ano de 1993* explora a través da poesía surrealista e a ciencia ficción motivos políticos aínda aplicábeis á nosa sociedade como a relación entre linguaxe e o poder, a construción do sistema de xénero, a violencia sexual, e a cuestión do corpo. As ilustracións da pintora Graça Morais que aparecen na edición de 1987 funcionan como unha tradución intersemiótica do texto, mais tamén como unha historia paralela que inventa novas personaxes e ideas, ampliando as potencias de significado do texto poético.

CV

Marinha Paradelo Veiga (Ourense) graduada en Ciencias da Linguaxe e Estudos Literarios, na especialización de Filoloxía Galega, pola Universidade de Vigo e ligada ao mundo da literatura lusófona a través de prácticas na I Cátedra Internacional José Saramago e na Fundación Uxío Novoneyra.

Painel 8 | 28 de outubro | 9h30 – 12h00

Sala do 3º andar | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Antropologia, Direito, Política

Moderação: Markus Ebenhoch (Universität Salzburg)

“Uma abordagem antropológica e médica na obra de Saramago: autópsia literária” / “Une approche anthropologique et médicale dans l'oeuvre de Saramago: Autopsie littéraire”

Egídia Souto

(Université Sorbonne Nouvelle)

Philippe Charlier

(Musée du quai Branly - Jacques Chirac / Laboratoire Anthropologie, Archéologie, Biologie (LAAB), Université Paris-Saclay)

RESUMO

A partir das obras *Ensaio sobre a Cegueira* e *Intermitências da Morte* procuraremos perceber, numa abordagem ontológica, como o romancista faz do texto uma sala de autópsia, para estabelecer um diagnóstico que atesta a complexidade do ser humano e problematiza o seu vínculo com um mundo marcado por um estado de “cegueira”, e assim, através da ficção, compõe os seus questionamentos pautados na ética e na existência. Estas duas obras podem ser usadas como ferramentas de ensino da ética e bioética, abordando essencialmente reflexões individuais e coletivas ao lidar com o tema da morte, da eutanásia, dos cuidados paliativos, da própria história da humanidade. A propósito de *Ensaio sobre a Cegueira*, António Meireles afirma que “um texto que gera muitas perguntas, mas nenhuma resposta; levanta questões sobre a evolução do Homem, nos faz refletir criticamente, mas não aponta direções. Cada um terá de descobrir o caminho por si só”. A partir desta premissa poderia afirmar-se que toda a obra de Saramago poderá ser considerada como uma literatura iniciática. Através de um prisma que cruza antropologia, medicina e filosofia, procurar-se-á salientar que o estado de “cegueira” e de “morte” presente nestas duas obras nada mais é do que uma tentativa de compreender o mundo. Não terá sido Saramago um visionário que tentou ligar os conhecimentos sobre a humanidade?

RÉSUMÉ

À partir des œuvres *Ensaio sobre a Cegueira* et *Intermitências da Morte*, nous chercherons à comprendre, dans une approche ontologique, comment le romancier fait du texte une salle d'autopsie, pour établir un diagnostic qui atteste de la complexité de l'être humain et problématise son lien avec un monde marqué par un état de “cécité”, et compose ainsi, à travers la fiction, des questionnements fondés sur l'éthique et l'existence. Ces deux ouvrages peuvent être utilisés comme outils pour l'enseignement de l'éthique et de la bioéthique, en abordant essentiellement les réflexions individuelles et collectives lorsque l'on aborde la question de la mort, de l'euthanasie, des soins palliatifs, de l'histoire même de l'humanité. À propos de *Ensaio sobre a Cegueira*, António Meireles dit que “c'est un texte qui génère beaucoup de questions, mais pas de réponses; il soulève des questions sur l'évolution de l'Homme, nous fait réfléchir de manière critique, mais ne nous indique pas de direction”. À partir de cette prémisses, on peut affirmer que toute l'œuvre de Saramago peut être considérée comme une littérature initiatique. À travers un prisme qui traverse l'anthropologie, la médecine et la philosophie, il s'agira de souligner que la “cécité” et la “mort” présente dans ces deux œuvres n'est rien d'autre qu'une tentative de compréhension du monde. Saramago n'est-il pas un visionnaire qui tente de relier sa connaissance de l'humanité?

CV

Egídia Souto é professora associada no CREPAL (Centre de recherches sur les pays lusophones) do departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos (EILA) na Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris 3. Atualmente, a sua investigação académica centra-se nos diálogos entre literatura, história da arte e antropologia, nomeadamente, literatura e civilização dos PALOP, arte e cultura africanas, história da arte e da cultura dos países lusófonos, questões relacionadas com o corpo e as suas representações, arte tribal e a écfrase. Doutorou-se em Literatura e Arte em 2014 pela Universidade Sorbonne Nouvelle com uma tese sobre a obra ecfástica de Nuno Júdice. Escreveu obras como *Amores Perpetuados pelo Diabo* (2002) ou *Luas Maquiavélicas* (1999) e participou em antologias como *Poetic China Poetry Reading* (2015) e *Poésie Africaine* (2011). Em breve publicará, em edição bilingue, *A Face do Deus Encarnado, Diálogos com Rilke: La face du Dieu Écarlate*.

Philippe Charlier tem formação multidisciplinar, sendo médico legista, anatomopatologista, especialista em paleopatologia, arqueólogo e antropólogo. Doutorou-se em Medicina (Université de Lille 2), em Ciências (Université Paris Cité) e em Letras (École Pratique des Hautes Études), é atualmente professor universitário e investigador na Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines. Na UVSQ Paris-Saclay, Philippe Charlier dirige o Laboratoire Antropologie, Archéologie, Biologie (LAAB). A sua investigação tem-se centrado nos domínios da antropologia forense, diagnóstico retrospectivo, paleopatologia e patografia. Pioneiro na organização de simpósios internacionais de patografia, o seu trabalho destacou-se pelo estudo dos restos mortais dos filhos de Tutankhamon, de Ricardo Coração de Leão, de Agnès Sorel, de Fulco III de Anjou, de Diane de Poitiers, de Adolf Hitler, entre outros. Em 2022, Philippe Charlier foi nomeado membro do Conselho de Orientação Estratégica da Réseau des Écoles Françaises à l'Étranger. Desde 2018, é diretor do departamento de investigação e educação do Musée du Quai Branly – Jacques Chirac. É editor-chefe da revista *Ethics, Medecine and Public Health*, do grupo editorial Elsevier. Também exerce medicina legal na Assistance Publique - Hospitiaux de Paris. Até ao verão de 2013, Philippe Charlier integrou o serviço de medicina legal do Hôpital Universitaire Raymond Poincaré de Garches, dirigido pelo Professor Lorin de la Grandmaison. Também foi investigador do Laboratório de ética médica da Université Paris-Descartes. Em 2021, foi distinguido Chevalier d'Ordre des Arts et des Lettres pela ex-Ministra da Cultura, Roselyne Bachelot, e, em 2020, foi agraciado com a Ordre des Palmes Académiques. Autor de inúmeras publicações, em 2009, Philippe Charlier recebeu o Prix Louis Castex e o Prix Jean-Charles Sournia pela sua obra *Les Monstres humains dans l'Antiquité. Analyse paléopathologique*.

“Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos e As Intermittências da Morte: entre o político e o poético em José Saramago”

Bárbara Natália Lages Lobo

(Universidade Autónoma de Lisboa)

RESUMO

“No outro dia ninguém morreu”

(As intermittências da morte. José Saramago)

Pensar em um mundo mortal intra ou pós-pandemia supera o desafio da escrita no estado de “normalidade”. É a antítese do genocídio viral. Embora a necropolítica seja regra neste mundo em que a morte finge parecer exceção, fortalece o surrealismo da obra escrita por José Saramago em 2005. As edições reforçam o caráter ficcional da obra, não se referindo a pessoas ou fatos específicos, tampouco a emitir sobre eles opinião. É um romance. Este texto não. A partir da incursão intertextual literária e jurídica na obra *As intermittências da morte* e na *Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos*, tem-se o objetivo de referir-se à realidade que nos permite analisar o quanto o Direito, a despeito da proteção fundamental da vida, alimenta-se e sobrevive (muito) da morte, representando perigos e oportunidades políticas, sociais, econômicas e culturais. A morte, o amor, a Maphia e o violoncelista revezam-se enquanto tantas personagens reveladoras da angústia, surpresa e naturalidade com que se varre a ética para debaixo do tapete, ao passo que a beleza da vida insiste em (r)existir. A imagem reflexa da morte no gesto dos mortos é a própria composição do seu poder. Esta é a intermitência, força motriz de nossas pulsões. Vida-morte. Morte-vida. Poesia. Um tictaquear constante da ampuheta de nossa breve existência. E no sétimo dia dedicado ao descanso dos cristãos, Saramago nos alivia, quase quatro páginas após o último telefonema. Em apenas quatro páginas, morremos um pouco também à espera da morte. O temor

e a atração fundem-se entre os dois últimos parágrafos. Esta linha milimétrica entre as letras. O entrelaçar das mãos é um toque de almas, a que existe e a que transcende. A morte sente o tato, mãos felizes que ardiam a sinestesia do contato. Os objetos cotidianos que alimentam o espírito queimam a carta da morte. A vida é trivial, “detalhesca”, rotineira e bonita. Ainda errada, desejada, para lembrar Gonzaguinha. Nesta obra, a temida morte também o é. Nada a detém, a não ser ela mesma. Aliás, o amor. Somente esta força foi capaz de deter a morte. No dia seguinte ninguém morreu.

CV

Bárbara Natália Lages Lobo é escritora e jurista. Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Reconhecimento Universidade do Porto). Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-doutoramento em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professora da Universidade Autónoma de Lisboa. Investigadora Integrada do Ratio Legis - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Jurídicas da Universidade Autónoma de Lisboa [Projeto: Cultura de Paz e Democracia]. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Constitucionalismo e Direitos na Era Digital - Algotatr.IA do Programa de Pós-graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Jurista e Escritora. Autora das obras: “O Direito à Igualdade na Constituição Brasileira” (2013) e “Estrela” (2020). Endereço eletrônico: barbaralobo@hotmail.com.

“Saramago e o cinema: metafísica e autorreflexividade como expressão política”

Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva
(Universidade Federal Rural do Semi-Árido)

RESUMO

A narrativa de José Saramago, permeada de construções imagéticas, mostra-se plena de potencial cinematográfico. As adaptações fílmicas baseadas em sua obra percebem e corporificam essa “promessa” de cinema a partir da linguagem audiovisual. No entanto, a natureza metaficcional do discurso narrativo de Saramago suscita particularidades ao processo de adaptação fílmica, considerando que tais manifestações questionam e redimensionam as estratégias de construção da história, elemento que catalisa a relação entre literatura e cinema. Além disso, a metaficcionalidade da narrativa saramaguiana – construída a partir de procedimentos que realizam a exposição das limitações da linguagem, do desnudamento irônico das estratégias de composição narrativa, da voz incisiva de um narrador que expõe a si mesmo e aos personagens, tecendo digressões de naturezas diversas – deflagra também um discurso potencialmente político, de questionamento e de desmistificação do discurso literário considerado hegemônico, sustentado por práticas de “ilusionismo” (STAM) que ocultam seus procedimentos em nome da fábula. Desse modo, o discurso metaficcional em Saramago, ao expor limitações e artifícios de sua própria composição, realiza não só críticas a paradigmas literários, mas à sociedade, cuja estrutura alimenta discursos hegemônicos a partir de sua reprodução. Em Saramago, a linguagem – em sua expressão metaficcional – é elemento de posicionamento político. Diante do crescente interesse do cinema e do audiovisual pela obra do autor português, é pertinente observar de que forma as adaptações fílmicas baseadas na ficção José Saramago se relacionam com a sua linguagem, que manifesta – a partir de práticas anticonvencionais e/ou metafissionais – posicionamentos críticos e políticos não apenas em relação ao fazer artístico, como também a questões sociais e humanas: se o cinema adere à natureza contestatória do discurso saramaguiano, de que forma esse discurso ganha forma, som, cor, luz e sombra, transformando-se em cinema? O presente trabalho, portanto, a partir da leitura dos romances *Ensaio sobre a cegueira* e *O ano da morte de Ricardo Reis* e de suas adaptações fílmicas - *Blindness* (de Fernando Meireles), *O ano da morte de Ricardo Reis* (de João Botelho), propõe-se a analisar de que maneira o discurso cinematográfico se apropria dos romances de José Saramago no sentido de aderir à sua natureza metaficcional, compondo textos fílmicos de feição autorreflexiva.

CV

Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva é professora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Brasil). Mestre e Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora em Literatura e metaficção. Tem experiências nas áreas de Estudos Culturais, Literaturas Brasileira e Africanas, Literatura e Cinema. Participa da publicação: "Cinema e Literatura: poéticas e políticas da metaficção" - Genilda Azeredo e Anelise Reich Corseuil (Orgs.).

Painel 9 | 28 de outubro | 09h30 – 12h00

Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines.

Género, Erotismo e Antitotalitarismo

Moderação: Kathrin Saringen (Universität Wien)

“Mulher: o reencantamento do mundo no discurso saramaguiano”

Vanda Maria de Gouveia Fernandes

(Universidade de Vigo)

RESUMO

Uma das grandes preocupações temáticas de José Saramago é o desprezo pelos mais fracos e o injusto esquecimento a que são votados ao longo dos séculos. Os seus romances são por isso espelhos de um empenhamento ideológico persistente e singular, revelando ao leitor, muitas vezes do ponto de vista dos mais pequenos, daqueles que a sociedade ostraciza e diminui, as desumanidades a que foram e estão sistematicamente sujeitos. De entre o grupo dos marginalizados ou injustiçados pela tradição, a mulher tem um papel primordial na escrita saramaguiana. Personagem protagonista ou secundária, ela é sempre uma figura desafiante e empática para o leitor nos romances de José Saramago. Metáfora de insigne amor, de clarividência, despojamento e magnanimidade, ou alegoria da dignidade, resignação, passividade e sofrimento, a mulher saramaguiana é uma constelação plural num discurso literário subversivo que, entre a História e a ficção, sem tempo ou espaço definidos, parece estar capacitada para salvar o mundo desse desencantamento em que se encontra mergulhada. Nesta perspetiva, o cumprimento de um destino salvífico está nestas mulheres que dão forma e voz à profecia de uma utópica esperança do autor, de um reencantamento do mundo. Apropriando-se não só das fontes canónicas, mas também, e sobretudo, das proibidas para reescrever a História, as obras *Caim* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* são exemplo de uma subversão heroica de género, ao nos legarem Eva, Lilith e Madalena, com capacidade de olhar e de compreender, de destruir arquétipos misóginos ou moralidades hipócritas que as diminuem e condenam, assumindo livremente a plenitude da sua beleza, sensualidade e erotismo. Sublimes na sua feminilidade, celebram com sabedoria e paixão a livre entrega do corpo e a da alma numa relação com o outro, a quem provocam uma transformação interior, o homem com quem partilham a simplicidade na rotina e trivialidade da vida fática. Assim, ao dar voz ao mundo feminino, aos seus traumas, mistérios e desassossegos, capacidades e valores, José Saramago, sob a ética da responsabilidade, desmorona convicções ancestrais, salientando a função plural da mulher na sociedade e na História.

CV

Vanda Maria de Gouveia Fernandes, nascida em 1959, na Ilha da Madeira, Portugal, é Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, pela Universidade Católica Portuguesa de Braga, e doutoranda de Estudos Literários na Universidade de Vigo, Faculdade de Filologia e Tradução. É professora de Português do Ensino Secundário, no Liceu do Funchal, e formadora de professores na Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, nas áreas de Português /Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa, Pedagogia e Didática e Didáticas específicas de Português e Língua Portuguesa.

Publicações: (2008). *O Discurso religioso em O Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago*, Funchal: O Liberal. (2009). “O Discurso religioso em O Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago”, In *Islenha* n. 45, Julho/Dezembro, p. 57-88. (2013). *Vinte propostas de provas de exame de Português*, Lisboa: Plátano.

“La desnaturalización de la culpa: *O evangelho* en defensa del placer”

Rocío Martínez Díaz

(Universidad Autónoma de la Ciudad de México)

RESUMO

El arraigo del concepto de la culpa es tal en las sociedades en las que predomina la cultura judeocristiana que sus individuos no la identifican, simplemente la acatan, incorporándola en su sistema de saberes. El objetivo de este trabajo es exponer una lectura de *O evangelho segundo Jesucristo* que subraya uno de sus propósitos posibles: desnaturalizar la culpa, cuestionándola, indagando sus orígenes y repercusiones si bien ficcionales, también históricas a las que hace referencia. Acompañada por algunos textos de Giorgio Agamben y otros autores puedo exponer la siguiente hipótesis: la culpa es un concepto posterior al del placer y podemos ver que en el libro de Saramago que me ocupa los personajes principales rescatan mediante su libertad ficcional el placer que los define, más allá de las responsabilidades impuestas por su circunstancia, mismas que derivan “naturalmente” en culpa, dado que el autor no modifica la diégesis fundamental de los Evangelios canónicos. Agamben defiende en algunos textos la postura de que la naturaleza humana es incorruptible, más allá de los ‘accidentes’ culturales que ha sufrido. En ese sentido, propongo una lectura de esta novela que subraye esta aportación filosófica: el mensaje evangélico debe retomarse para construir una respuesta individual y luego colectiva a la creación que ha hecho Dios. Nuestro autor, Saramago, expone que Dios negó la nada y en ese acto creó al ser humano, por ende, si visitamos la existencia de Dios en la tierra estamos participando del cuestionamiento primigenio: ¿por qué no permanecer en la nada? La respuesta posible es: la culpa es una herramienta positiva en cuanto a que activa el recuerdo del placer de no ser ‘humano’, es decir, de tener todas las posibilidades latentes. La culpa es, entonces, el precio de ser humanos. Si seguimos indicadores de *O evangelho* podemos afirmar que algunos pensamientos y acciones humanas valen la rebeldía: aceptamos la culpa no desde su estigmatizadora naturaleza, sino como el rasgo positivo que distingue la actividad humana de la mitológicamente divina. En esa conciencia orgullosa se rescata el placer del deseo, del experimentar más allá de las verdaderas limitaciones -u obligaciones- humanas, como son la mortalidad, la ejemplaridad y lo ancestral.

CV

Rocío Martínez Díaz, Docente-Investigadora de tiempo completo en la Universidad Autónoma de la Ciudad de México, adscrita al Colegio de Humanidades y Ciencias Sociales. Egresada de la Licenciatura en Lengua y Literaturas Hispánicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, con estudios en Maestría en Literatura Comparada en la misma institución. Egresada del Diplomado en Creación Literaria de la SOGEM. Editora independiente de poéticas relacionadas al Son jarocho. Ha participado en varios Consejos editoriales de revistas y ha participado en Congresos tanto en México como en el extranjero.

“Voz Feminina e Erotismo em três romances de José Saramago”

Maria Aparecida da Costa

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

RESUMO

Conforme propõe Georges Bataille (1988), o erotismo é o que, na vertente cultural, diferencia o ser humano do animal, portanto, os seres humanos masculino ou feminino tem sentidos idênticos, e o que os afastam é a cultura machista que insiste em pregar a diferença dos gêneros. Diante disso, propomos analisar, nesse estudo, o poder da voz feminina, bem como o erotismo manifestado pelas mulheres em três romances de José Saramago: *Caim* (2009), *O evangelho segundo Jesus Cristo*, (1998) e *O ano da morte de Ricardo Reis*, (2013). Sobretudo, lançaremos luz às figuras de Lilith e Eva; Maria, mãe de Jesus e Maria de Magdala; e Lídia, dos respectivos romances. Essas personagens criadas por Saramago são elaboradas como sujeitos de corpos que sentem tudo que pode ser advindo do humano, desfocando-se, portanto, de uma moral religiosa e social, constituídas a partir do cerceamento dos desejos femininos; elaborando e revelando espaços, antes ocupados somente pelo sujeito masculino. A literatura portuguesa, considerando poucas exceções, sempre refletiu na ficção o espaço social

tipicamente de um lugar machista e misógino, alargando o escamoteamento dos desejos sentidos por mulheres. As personagens femininas sempre foram castigadas quando ousaram sair dos lugares impostos a elas. Nesse sentido, abordaremos nos referidos romances de José Saramago, especialmente, o universo erótico dessas personagens femininas, evidenciando a revolução causada por este escritor que deu voz a figura feminina, ao colocar em seus romances mulheres com corpos desejantes, para além disso, elas são personagens que sentem e que realizam seus gozos, não importando, portanto, o espaço social em que estão inseridas, nem tampouco o que se desenhava como comportamento feminino adequado para elas.

CV

Maria Aparecida da Costa, brasileira, licenciada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (2000); Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto (2001); Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2002) e doutora em Estudos da Linguagem (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014) – Brasil; com Doutorado sanduíche na Faculdade de Letras - FLUC - Universidade de Coimbra - Portugal. Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - 2019. Professora de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - UERN. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura de Língua Portuguesa - GPORT. É autora do livro: *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo*, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge, (EdUFRN, 2015).

Painel 10 | 29 de outubro | 09h30 – 12h00

Auditório | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Animais, empatia e antropomorfismo

Moderação: Carlo Salzani (University of Veterinary Medicine Vienna / PICT)

“E se todo ser vivo fosse tratado como ser humano?: José Saramago, literatura e proteção animal”

Daniel Vecchio

(Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAPERJ)

RESUMO

Este painel tem por objetivo extrair da literatura de José Saramago a compaixão que o autor expressava pelo sofrimento dos animais. Sobre essa questão, Saramago nos aponta que a compaixão pelos animais independe de qualquer tipo de ideologia ou religiosidade, pois, pelo contrário, a indiferença pelo sofrimento alheio e até mesmo a crueldade podem estar relacionadas a algum tipo de crença ideológica ou religiosa, como veremos nas diversas cenas de sacrifício de animais no cristianismo primitivo representadas nos romances *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim*. Para tanto, exporemos e analisaremos brevemente algumas outras passagens bastante significativas para a abordagem do tema levantado, como aquelas em que o escritor português revela a sua paixão pelos cães, a sua sensibilidade crítica dedicada aos animais de carga, por exemplo nas cenas em que a família Mau-Tempo e o casal Blimunda e Baltasar viajam de burro, assim como nas tristes cenas envolvendo os bois cargueiros na construção do Convento de Mafra. Abordaremos, ademais, a preocupação saramaguiana com os animais utilizados como entretenimento, seja a partir das representações circenses do elefante Salomão, seja a partir das sangrentas touradas que surgem nas páginas de *Memorial do Convento*. Por fim, com tais significativos exemplos, demonstraremos que Saramago defende a plena preservação da fauna, o que requer atitudes por parte de todos, visto que a sobrevivência desta e das futuras gerações dependerá de um meio ambiente muito mais respeitado do que foi até agora. Por isso, com Saramago, fazemos coro para que os cães, os elefantes, os burros, os touros e os bois, assim como todos os outros animais sejam mais humanamente tratados.

CV

Daniel Vecchio é Doutor em História pela UNICAMP, onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela UFV-MG, onde foi pesquisador da CAPES. Atualmente, é investigador de Pós-Doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ, com pesquisa financiada pela FAPERJ e dedicada aos romances de José Saramago, sob a supervisão da Dr.^a Teresa Cerdeira. Faz parte do Grupo de Pesquisa da *Cátedra Libre José Saramago* dirigido pelo Dr. Miguel Koleff (UNC) e também faz parte do Grupo de Pesquisa *Saramago Leitor de Marx*, dirigido pela Dr.^a Vera Lopes da Silva (PUC-MG). Tem publicado em diversos periódicos científicos e apresentado comunicações em variados espaços dedicados ao centenário do escritor português, a exemplo do artigo “Crise ambiental e literatura em José Saramago”, que será publicado em Junho de 2022 na edição especial “100 anos de Saramago” da revista *Eccom*, número que está a ser organizado pelo Dr. Carlos Nogueira; além da comunicação intitulada “1986: O ano da morte da liberdade política-econômica de Portugal” que foi apresentada no *Congresso Internacional José Saramago e o Transiberismo*, organizado pela Cátedra José Saramago da Universidade Autônoma de Barcelona, em Março de 2022.

“Seeing Dogs: Dis/ability and De/humanization in José Saramago’s *Blindness*”

Rhona J. Flynn

(Universität Wien)

RESUMO

Two sighted characters are at the metaphorical and narrative centre of José Saramago’s *Blindness* (1995) - not merely a human and an animal, but specifically, a woman and a dog. When all other humans lose their sight in an ‘epidemic of blindness’, the dog and the woman act as actual and metaphorical guides; as sighted figures, they maintain quintessentially ‘human’ qualities as everyone else descends into moral, physical, and social squalor. Blindness, as an embodied experience, is portrayed as utterly disabling. Simultaneously, blindness, as a metaphor, is used to represent ignorance, irrationality, and moral failure. This paper argues that both the literal and metaphorical representations of blindness Saramago deploys are damaging, discriminatory, and dehumanizing. In *Blindness*, those who lose their sight are utterly lost, utterly dependent, morally and socially degenerate, physically and psychically filthy; defective, incapable and bereft. Blindness, as an embodied experience, is portrayed as a total, non-adaptive state, as near-total incapacity, as lack, tragedy, and disaster. This imaginary of a sighted author, who seems never to have engaged with the work and experiences of blind people, is not only factually wrong – it reinscribes and perpetuates the real and ongoing animalization of disabled people. Simultaneously, the ‘epidemic of blindness’ narrative, and the social collapse which ensues, is intended as an extended allegory of human ignorance and irrationality. The morally pure, instinct guided, sighted dog acts as a compass for the catastrophically failing humans, and for the sole sighted (female) human remaining. The metaphorical equation of blindness with ignorance (and of sight with moral purity and superior knowing) only works because it rests upon discriminatory assumptions about ability and ‘normal’ human capacities, and deeply dehumanizing norms about blindness and atypical embodiment. This paper critiques both the literal and metaphorical representations of blindness, in Saramago’s *Blindness* (1995). I argue that Saramago’s animalizing caricature of the embodied and social experience of blindness, together with his weaponization of blindness as a metaphor for ignorance, promotes a viscerally dehumanizing and damaging position on disability in general, and blindness in particular.

CV

Rhona J. Flynn is prae-doc with the FWF-funded research group “The Limits of Imagination: Animals, Empathy, Anthropomorphism” at the Messerli Research Institute (Vienna), and a member of the Vienna Doctoral School of Philosophy at the University of Vienna. Following completion of a Master of Research thesis, *Infantilisation in Care, Community & Cognitive Disability*, in 2021, their current research brings into contact critical disability theory, feminist epistemology, and philosophy of mind, to consider whether empathy (or something like it) could be considered a social-epistemic practice. rhonajflynn.com

“Unlikely Protagonists: Anthropomorphism in Coetzee, Shibli and Saramago”

Hania Nashef

(American University of Sharjah)

RESUMO

In José Saramago’s novel *Blindness*, even though the doctor’s wife is the only person who retains her vision she turns to the help of a dog to guide her and the asylum inmates through an unfamiliar realm that is just as threatening as the one they were in. In this new found reality, the dog assumes role of guide to these lost souls. The dog that becomes known as the dog of tears “does not follow the scent of the dead,” but instead “accompanies a pair of eyes that he knows are alive and well.” The dog of tears begins to approximate the patterns and traits of the human other, becoming a main protagonist. In *Blindness*, the dog exhibits humanism, which is markedly missing from the humans we encounter in the novel; furthermore, the animal develops into a commentator on a world that is devoid of humanity. On another note, in *Minor Detail*, a novel by Palestinian writer Adania Shibli, dogs not only bear witness to a story of erasure, occupation and killings, but their incessant barks give voice to two silenced protagonists 25 years apart. The howling of the animals serves as a comment on a cruel world lacking mercy and humanity. As with the dog of tears, one particular dog becomes a protagonist in the narrative that unfolds in the first section. Equally, in J.M. Coetzee’s *Disgrace*, the main character, David Lurie, sacrifices an aging three-legged dog that is a stark reminder of a lost humanity. Denied the logos, animals are often defined as creatures without compassion or reason. In this paper, I would argue that in the aforementioned novels, these animals are not only reminders of our eroding humanity but also through their roles, the zone of separation between human and animal has been erased.

CV

Hania A.M. Nashef is a professor in the Department of Mass Communication at the American University of Sharjah, UAE. She has a Ph.D. in English Literature from University of Kent in the UK and a Master’s degree from Ohio State University, USA, in English Literature. Her research interests are multidisciplinary, publishing on literature and media. Her publications have included articles on comparative/postcolonial literatures, film and literary journalism. Her most recent monograph is *Palestinian Culture and the Nakba: Bearing Witness* (Routledge: 2019). Her book *The Politics of Humiliation in the Novels of J. M. Coetzee* (2009) was also published by Routledge. Her publications also include peer-reviewed journal articles and chapters on J.M. Coetzee, Mahmoud Darwish, José Saramago and Raja Shehadeh. She has also published on Palestinian and Arab film.

“De Salomão a Solimão ou a chegada até ao sítio onde nos esperam”

Maria do Céu Estibeira

(Universidade Nova de Lisboa)

RESUMO

Na obra *A Viagem do elefante*, que José Saramago classificaria de “conto” (em vez de romance), o leitor é confrontado com a percepção de que o autor não aparece dissociado do narrador que conduz uma viagem, à semelhança do cornaca que conduz e guia Salomão pelos trilhos que o conduzirão a Viena. Associado à metáfora da própria vida, esta viagem permite constatar a forma empática como o narrador observa o elefante e reage aos seus comportamentos em paralelo com os comportamentos humanos ou até em relação aos comportamentos esperados para outros animais, como os bovinos, os lobos ou os cavalos. Esta comunicação pretende, assim, reflectir sobre a simbologia espiritual associado à imagem do elefante, enquanto fazedor de um percurso que lhe é imposto, bem como a inevitabilidade de um destino construído pelas mãos humanas, tantas vezes indiferentes às vontades dos que os rodeiam.

CV

Maria do Céu Estibeira é Doutorada em Estudos da Literatura e da Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestre em Literatura Comparada e membro da equipa “Estranhar Pessoa” (FCSH - Universidade Nova de Lisboa), do IELT e do IEMO (FCSH). Participou em diversos congressos em Portugal e no estrangeiro (Oxford, Cambridge, Londres, Bangor, Pádua, Cardiff, Edimburgo, Paris, Barcelona, Ann Harbor, Iowa) e publicou artigos em múltiplas revistas literárias. Prepara a publicação do volume “*A marginalia* de Fernando Pessoa”. Professora do Ensino Básico Secundário e Superior (Instituto Politécnico de Santarém e Universidade Lusófona de Lisboa); formadora de professores na FCSH (Universidade Nova de Lisboa).

Painel 11 | 29 de outubro | 09h30 – 12h00

Sala do 3º andar | Centro de Visitantes do Parque Nacional Illas Atlánticas de Galicia

Ética e Direitos Civis

Moderação: Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

“Observai atentamente o menino da aldeia: considerações sobre a empatia e a alteridade a partir da ‘Maior flor do mundo’, de José Saramago”

Tauana Jadna Ribeiro

(Universidade Estadual do Maranhão)

RESUMO

“Todas as pessoas têm o dever e a obrigação de respeitar”, esta expressão, que surge onze vezes ao longo das vinte e três declarações presentes na Carta dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos, anuncia à humanidade uma necessidade urgente de empatia e alteridade, necessidade confirmada pela declaração dezasseis da Carta, a qual dispõe que “Todas as pessoas têm o dever e a obrigação de hospitalidade”. E o que seria a hospitalidade, se não uma das máximas demonstrações de empatia e alteridade? O presente trabalho propõe-se a refletir acerca da empatia e da alteridade, a partir do livro “A maior flor do mundo”, de José Saramago. No referido escrito, Saramago coloca-nos diante da força e da coragem de um menino de uma aldeia que, em um exercício de empatia e alteridade, ajuda a salvar uma flor murcha em processo de degradação. O menino carregava gotas de água em suas pequenas mãos como podia e, apesar de saber que não podia muito, sabia que podia algo. Dispor de alguma capacidade é melhor do que não dispor de nenhuma. E o menino tinha um objetivo: ajudar a flor. Ele sentiu a sede da flor e desejou fazer algo. E fez. Através do presente trabalho, objetiva-se analisar o exercício da empatia, a partir do comportamento do menino da aldeia ao ver a flor adoecida. O menino da aldeia nos ensina a alteridade e a empatia e lembra-nos do que nos ensinou Emmanuel Levinas: “Todos os homens são responsáveis uns pelos outros”. Hoje, a maior flor do mundo chama-se Terra e tem sede. Observai atentamente o menino da aldeia e aprendei com ele a empatia.

CV

Tauana Jadna Ribeiro Carneiro, brasileira, 25 anos, advogada, graduada em Direito pela Universidade Estadual do Maranhão (2020). Em 21 de dezembro de 2020, apresentou o trabalho intitulado “Consumidores transformados em produtos através das redes sociais digitais: reflexões a partir do romance *O Homem Duplicado*”, na V Conferência Internacional José Saramago, da Universidade de Vigo. Em 2020, publicou, em co-autoria, na revista *Práticas em Extensão*, publicada pela Universidade Estadual do Maranhão, o artigo “Educação em Direitos e a Prática Extensionista: a experiência da difusão da justiça restaurativa em escolas públicas de São Luís”. Em 2019, publicou o artigo “A denúncia como pontapé inicial para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes no Brasil: uma análise a partir do conto ‘O caso

da vara”, de Machado de Assis’, como capítulo no livro “O Direito e sua complexa concreção”, v. 2. Atena Editora, 2019. Gosta de gente, literatura e poesia.

“O engajamento literário no *Ensaio sobre a Cegueira* e os Deveres Humanos”

João Marcelo Borelli Machado

(Universidade Federal do Paraná / Universidade Virtual do Estado de São Paulo)

RESUMO

A comunicação propõe utilizar, a partir da obra *O que é Literatura?* de Jean-Paul Sartre, o conceito de literatura engajada e a subjacente relação filosófica entre o real e o irreal, como meios para compreensão histórica e social, o conhecimento e a crítica da concepção moderna dos Direitos Humanos, tomando como referência a obra *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago e sua proposta alternativa de Deveres Humanos.

CV

João Marcelo Borelli Machado nasceu em Curitiba/PR, em 1975. É procurador autárquico previdenciário em Ilhabela/SP, mestre em Direito pela UFPR e graduando em Letras Português pela UNIVESP. Atuou por mais de dez anos como professor universitário e em curso preparatório para concurso do Ministério Público do PR. Em *brazil*, seu primeiro livro de desen(contos), o autor propõe um engajamento literário comprometido com o desnudamento da sombria realidade brasileira e o debate sobre a barbárie instalada neste país.

“O significado da narrativa y as imagens como discurso em José Saramago”

Viviana Mónica Rodríguez

(Instituto Camões, Buenos Aires)

RESUMO

Apresenta-se esta comunicação para analisar a poética saramaguiana como uma narrativa imagética e sua relação com a política. A abordagem se circunscreve a dois parágrafos do texto *Levantado do Chão* e três parágrafos da obra *A Caverna*. A minha hipótese é que o José Saramago decide humanizar o discurso por meio duma narrativa imagética, para a converter numa escrita social ao alcance de qualquer leitor que a ressignifique, sem apelar a nenhum tipo de mensagem panfletária. Consequentemente no primeiro texto, o autor descreve o que significa no corpo dum trabalhador um aumento de oito escudos no salário. E é por meio da combinação de cores, movimentos, cheiros, dores, que intensifica a violência dessa imagem. Entanto o leitor é também um trabalhador explorado, o escritor lhe entrega uma narrativa onde se pode reconhecer. Conclui-se então, que personagens e espectador-leitor são parte duma relação binária dependência-poder que se reproduz na *Caverna*. Assim, na *Caverna* o José Saramago através de imagens narrativas mostra a tensão entre poder-explorados. Coloca em cena - apelando a uma saturação de imagens - um Centro Comercial, que é o eixo da comercialização dos artigos que produz a cintura industrial, e que apoiando-se na propaganda cria os falsos valores que necessita para articular produção-consumo-riqueza. Utilizando a relevância simbólica da Alegoria da caverna de Platão, José Saramago conclui que a verdade está agora dentro da caverna, e que aquela é o simulado, a ficção. A caverna representa o novo paradigma econômico-político-cultural que eleva esses falsos valores a categoria de verdade. Pode-se concluir que o Nobel quer nos mostrar que trabalho e consumismo são as ferramentas de que a nova ordem econômica-político-cultural se serve para exaurir as potencialidades do ser social que somos e nos reduzir a corpos alienados, porém que uma outra sociedade é possível, por meio da consciência e responsabilidade pelo outro, esse outro que não é mais uma alteridade, mas um igual.

CV

Em 2008 chega a minhas mãos *Intermitencias de la muerte*. Li o livro numa noite. Não podia deixá-lo. Foi tal a perturbação que esse texto me causou, que nessa madrugada fiz a adaptação teatral. Estava estudando teatro desde fazia cinco anos. Ao dia seguinte a levei ao diretor. Ele sugeriu inúmeras vezes que mudasse de autor pois significaria uma provocação aos argentinos, que em geral são muito religiosos, mas com uma colega a encenamos igual. Ela atuou a primeira-ministra e eu o cardeal. Fizemos quatro funções. Na primeira, só cinco pessoas ficaram na plateia. Porém, a sorte estava do nosso lado, quanto de José Saramago. Nalguma dessas pessoas estava escondida um jornalista de espetáculos ou algum funcionário da carteira de artes. As outras três funções tiveram um êxito total. Não foi nosso, foi do Nobel. Aí me atravessou e começou minha paixão por ele.

“O 25 de Abril e o Pacto Social em *O Conto da Ilha Desconhecida*: Como é que aqui chegámos? Como é que daqui saímos?”

Ana Cláudia Cima Henriques

(Universidade Nova de Lisboa)

RESUMO

O conto é um género literário que se pode descrever como “um relato que encerra outro relato” (Piglia: 2014). Precisamente em *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, o argumento narrativo condensa esse sentido de interpretação dupla: por um lado, temos uma linha de ação visível, em que se descreve a história de um homem que pede um barco ao rei para procurar uma ilha desconhecida e, por outro, nas entrelinhas, subentende-se a frustração do autor pela forma como a consciência coletiva do país aceitou um pacto social que implicou desistir da construção de um sistema político radicalmente distinto. Para a presente investigação, é a história subentendida aquela que vale a pena interpretar, pois é através da sua teia implícita que podemos discutir a evolução histórica de Portugal, a partir da sua integração num quadro de desenvolvimento capitalista. Na verdade, o conto expressa, por via da ficção, uma proposta coincidente com a análise histórica de Rosas (2004) de um Portugal como país de tradição em regimes opressivos de longa duração, normalmente interrompidos por ruturas violentas de potencial revolucionário, mas que nunca se chegam a concretizar. Considerando que também Saramago se expressou sobre o 25 de Abril como uma revolução traída, espera-se entender de que forma a sua experiência concreta de participação nos exemplos de organização popular durante o biénio 74/75 terá moldado a sua crítica face ao sistema capitalista, às políticas neoliberais e à democracia liberal representativa, outorgando ao seu trabalho literário a possibilidade de debate por uma alternativa mais ética e fraterna.

CV

Ana Cláudia Cima Henriques é aluna de Doutoramento em História Contemporânea, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e investigadora integrada no grupo de História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais da mesma universidade. Para além da sua atividade de investigação, também é professora de Português e de Francês.

Painel 12 | 29 de outubro | 09h30 – 12h00

Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines

Ética e Moral

Moderação: Carlos Nogueira (Universidade de Vigo - I Cátedra José Saramago)

“Stimulate Compassion and Caring versus Evil - ways of coping in Saramago's work”

Miriam Ringel

(Bar-Ilan University)

RESUMO

My presentation aims to examine the presence of ethical sensitivity through a discussion of two topics: compassion and caring and the issue of evil and how to deal with it. In many novels, Saramago achieves this by combining irony and emotional restraint, enabling the reader to "anticipate" the outcome of a story that motivates feelings by addressing ethical concerns. In addition to being an emotion, compassion also constitutes complex emotional positions concerning the 'other.' As a result, one imagines a delay in the individual's recovery, has a positive attitude and demonstrates strong emotional reactions. Saramago's ethical vision is built upon the idea that the individual's suffering indicates a general social defect. Therefore, the focus of social life should be on establishing a society in which justice is emphasized rather than just compassion. I will discuss how compassion is regarded as a human virtue attributed to unique individuals in Saramago's work. Societies, however, are governed by other motives, which are devoid of compassion and practice no mercy. Survival, power, and greed are their primary motivators. As far as dealing with evil is concerned, Saramago's work provides a wide range of options. His heroes live in the shadow of existential danger, whether his books are based on historical events or are about universal issues. Examples from his work will illustrate this claim. In this issue, freedom, solidarity, and responsibility are emphasized. In Saramago's work, we find many heroes who suffer humiliation - humiliation by the authorities, rape of women, slavery, religious persecution - but all these tragedies offer an opportunity to preserve human dignity and develop ethical sensibility. No matter what the circumstances, the principle remains the same. The self-guiding internal voice, a kind of "inner conscience," controls human behavior. John Kekes defines the evil that refers to humans as: "The evil of an action, therefore, consists in the combination of three components: the malevolent motivation of evildoers; the serious, excessive harm by their actions; and the lack of morally acceptable excuses for the actions." Each of these elements is necessary, and together they are sufficient to condemn an action as evil. In addition, I will refer to Saramago's claims on these issues outlined in his *Cadernos* and in numerous interviews that he gave throughout his life. Saramago describes God as the embodiment of evil. It seems that he has a dual relationship with God. It is noteworthy that Saramago declares himself an atheist, yet he engages in conflict with God in most of his books. He even mentions the desire to kill God (especially in *O Evangelho* and *Caim*). Saramago offers the reader hope throughout his work, even if that hope is incomplete and partial. However, Saramago does not demonstrate that it is possible to repair the world to make it more utopian. Instead, he describes in his books how human reality is a complex mix of light and shadow, where good and evil coexist. In understanding that evil is an inevitable part of life, we realize that the only way to live a good life is to minimize the amount of evil that stands in our way. And we do it on a moral basis.

CV

Miriam Ringel holds a Ph.D. in the Program for Hermeneutics and Cultural Studies at Bar-Ilan University, Israel. The subject of Dissertation: Textual Experiences as Denoting Subjectivity in José Saramago's Work. Dr. Ringel holds an M.A. in Comparative Literature from Bar-Ilan University, Israel, and was the Head of Literature Studies in Ort – Colleges & Schools for Advanced Technologies & sciences (1991-2007). Dr. Ringel speaks Hebrew, English, French, and Portuguese and has passive knowledge in Spanish and Italian. Her first book published in 2009, in Hebrew – *Viagem na Senda das Vozes – A Obra e a Vida de José Saramago*, (*Journey Following the Voices – Life and Work of José Saramago*, Carmel

Publishing House, Jerusalem, Israel. The book published with the support of José Saramago Foundation, Portugal). Her second book was published in 2015, following her Ph.D. thesis with the title: *Moral Imagination in José Saramago's Work*, Carmel Publishing House, Jerusalem, Israel. Email: miriam.ringel@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-2920-3015>

“Literatura como compromisso ético-político em José Saramago”

Cândido de Oliveira Martins

(Universidade Católica Portuguesa – Braga)

RESUMO

Para o autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, simplesmente não era admissível que o escritor ou intelectual adoptasse o lema poético do heterónimo pessoano, perpassado pela sua ataraxia: "Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo" (Odes de R. Reis). Muito pelo contrário, contrariado essa postura de alheamento ou de passividade, quer para a voz narrativa deste romance, quer para o activo cronista José Saramago de *A Bagagem do Viajante*, a literatura não pode deixar de ser, contínua e corajosamente, uma forma atenta, crítica e empenhada de ler a realidade circundante, contribuindo a seu modo para a desejável mudança. Deste modo, da composição romanesca à escrita cronística, a palavra do escritor deve ser sempre uma palavra implicada na sua circunstância, à luz de um imperativo ético-político.

CV

Cândido de Oliveira Martins é professor associado da Universidade Católica Portuguesa e membro do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Integrou a Direção da AIL, sendo Editor responsável da Plataforma 9 – Portal Cultural do Mundo de Língua Portuguesa, em parceria com a F.C.Gulbenkian. Além de artigos para revistas especializadas (também sobre José Saramago, publicou alguns livros, com destaque para: *Teoria da Paródia Surrealista* (1995); *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista* (2003); *Alexandre Cabral (1917-1996) Dedicado Camilianista* (2018); *Fotobiografia de António Feijó* (2019); e *Viajar com Vasco Graça Moura* (2020). Editou obras de Diogo Bernardes, António Feijó e Camilo Castelo Branco. Co-organizou volumes temáticos de revistas internacionais e volumes temáticos: *Leituras do Desejo em Camilo Castelo Branco* (2010); *Pensar a Literatura no Séc. XXI* (2011); *Camões e os Contemporâneos* (2012); e *Maria Ondina Braga: Viagens e Culturas em Diálogo* (2019).

“A morte, o elefante e Caim como reflexo dos deveres humanos em figuras de papel na obra de Saramago”

José Vieira

(Università di Padova / Universidade de Vigo)

RESUMO

A presente proposta de apresentação tem como objetivo analisar três personagens dos últimos romances saramaguianos sobre a perspectiva da Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos. Partindo da morte de *As Intermitências*, passando pelo elefante Salomão do romance de 2008 e por Caim que dá o nome ao último romance publicado em vida por Saramago, daremos conta da importância que cada uma destas personagens de papel, ou “pessoas de livro”, tem como forma de combate cívico pela cidadania ativa e consciente. Num mundo desmemoriado e sem âncoras, Saramago propõe a literatura como um caminho de possível libertação do ser humano. É essa a reflexão que pretendemos levar a cabo.

CV

José Vieira (1991) é doutor em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Os seus interesses científicos centram-se na Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, com especial enfoque na heteronímia, nos Estudos sobre a Personagem, na questão da Identidade e na Literatura e outras Artes e na obra de Mário Cláudio, tendo

participado em diversos congressos nacionais e internacionais, contando com as respectivas publicações. Ganhou o 1º Prêmio das Jornadas do Mar 2016 “Novos Rumos, Novos Desafios”, que decorreram na Escola Naval de Lisboa, de 8 a 11 de novembro de 2016, na área de História e Literatura, com a comunicação “A Ode Marítima como canto do cisne do mar português”. Organizou, com Celeste Natário, o livro *Trilogia do Belo – nos 50 anos de vida literária de Mário Cláudio*, publicado na D. Quixote, em 2020 e *Os Caminhos do Caminho. Viagens em torno dos sentidos do Caminho de Santiago*, publicado em 2021 na Letras&Coisas. Encontra-se a realizar um Pós-Doutoramento pela Universidade de Vigo na I Cátedra Internacional José Saramago, orientado por Carlos Nogueira e coorientado por Ana Paula Arnaut, com o título “Nenhuma verdade é de papel. Autobiografia e Autoficção em José Saramago, Mário Cláudio e Teixeira de Pascoas.” É leitor na cátedra Manuel Alegre da Universidade de Pádua.

“O drama da personagem no drama de José Saramago: o direito ao dever”

Luciana Camargo

(Universidade Federal do Paraná)

RESUMO

Ao longo de sua carreira, José Saramago publicou cinco peças teatrais: *A noite* (1979), *Que farei com este livro?* (1980), *A segunda vida de Francisco de Assis* (1987), *In nomine Dei* (1993) e *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005). Há que ser mencionado ainda *O Fim da Paciência*, um texto inédito de teatro escrito por Saramago e Costa Ferreira, no final dos anos 1970. Saramago não se considerava um dramaturgo, porém em outras declarações proferiu que não se considerava um escritor profissional, mas sim um cidadão. Cidadão esse que ao receber o Nobel de Literatura trata de como a personagem pode ser considerada mestre e o autor seu aprendiz. Palavras que inspiraram a *Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos* que chama os cidadãos à avaliação da condição humana. Considerando a importância da personagem para Saramago e a consciência desse em relação aos deveres de cidadão, este trabalho se propõe a compreender o plano de formação da personagem dramática nas peças de José Saramago, a partir do ponto de realização artística da personagem e da intervenção estética e ideológica do autor visto que a personagem do drama deve possuir seu próprio drama – como afirmou Pirandello em *Seis personagens em busca de um autor* (1977). Na sequência, o dramaturgo italiano defende que a personagem apresenta como seu, um tormento que, ao contrário, sabe-se claramente ser do autor. A personagem dramática saramaguiana carrega em si o tormento de não se conformar diante da ação narrativa e, conseqüentemente, do próprio drama. A leitura prévia das peças indica que essas são imbuídas à responsabilidade: o direito ao dever de assumir um comportamento ético diante da condição humana marcada por miséria, barbárie, desumanização, dogmatismo de toda ordem e desrazão. Um drama dado às personagens por princípios filosóficos do autor: a prática da bondade e do respeito – visto que o amor não tem sido o suficiente. As palavras de Giorgio Agamben (*Profanações e O amigo*), Rancière (*O fio perdido*), Robert Abirached (*La crisis del personaje em el teatro moderno*) e Carlo Salzani e Kristof Vanhoutte (*Saramago's Philosophical Heritage*) fundamentam o olhar teórico desta leitura.

CV

Luciana Camargo é discente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) onde realiza o doutorado e tem por objeto de pesquisa o drama saramaguiano. Docente Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba. Leciona Língua Portuguesa, Literatura, Criação de Personagens e Narrativas para Jogos.

“Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar *O ano de 1993*” | Exposição

Sede Afundación Vigo: Sala de Exposicións II (rua Velázquez Moreno, 18)

18-29 de outubro | Horário de abertura: de segunda-feira a sábado, das 17h30 às 20h30

18 de outubro (terça-feira) | 18h30 | Abertura e Visita Guiada à Exposição

27 de outubro (quinta-feira) | 18h30 | Apresentação da Exposição com a presença da pintora Graça Morais

Esta mostra, organizada por ocasião da comemoração do centenário do nascimento de José Saramago (1922-2010), aborda a amizade e o fértil encontro entre o escritor e a pintora Graça Morais (n. 1948), testemunhados pelos trabalhos expostos, pela primeira vez, em reproduções de grande qualidade: 9 dos 10 desenhos concebidos pela artista para a segunda edição, há muito esgotada, do livro *O Ano de 1993* (1987); e o retrato do escritor, inédito, executado algum tempo após o seu falecimento. *O Ano de 1993* é um poema filosófico estruturado a partir da compilação de trinta textos alegóricos em prosa poética. O primeiro poema foi escrito em março de 1974, em resposta a uma tentativa falhada de levantamento militar que visava pôr fim ao regime ditatorial português. A obra foi concluída e publicada em 1975, já depois da Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974) e num contexto de incerteza do rumo que iria ser tomado pela nova democracia. Daí a construção de uma narrativa não-linear que referencia a repressão sobre a sociedade, a resistência, a violência revolucionária e, simultaneamente, o desejo de liberdade e a esperança. Em 1987 José Saramago desafiou Graça Morais a conceber os desenhos que viriam a ser publicados na segunda edição do livro *O Ano de 1993*, estimulando assim um encontro entre dois mundos – o da escrita e o da pintura – que “não só se encontraram e reconheceram, como, assim o creio, se identificaram” (Saramago, 2002). A pintora produziu então uma série de dez composições que estabelecem um jogo com a natureza fragmentária do poema. Contudo, Graça Morais recusou a ilustração direta, antes optando por (re)criar segmentos daquele universo onírico, ampliando assim o seu valor estético e poético. Consciente de como a comunhão entre o seu texto e o trabalho artístico de Graça Morais resultaram num novo conjunto interartístico, José Saramago quis que, na publicação, o nome da artista aparecesse em pé de igualdade com o seu. Nesta exposição recordamos este encontro poético entre a palavra escrita e a imagem, entre duas grandes personalidades cujas obras fecundas têm, sempre, o poder de nos interpelar.

Graça Morais nasceu em 1948 num pequeno povoado do interior nordeste de Portugal, formou-se em Pintura no Porto, passou por Paris, e acabou por se sediar em Lisboa na década de 1980. Contudo, a pintora sempre manteve um forte vínculo com a sua aldeia natal. Entre 1974 e a atualidade, Graça Morais realizou e participou em mais de duas centenas de exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro, estando representada nos acervos dos principais museus, fundações e coleções públicas e privadas do país. Concebeu projetos de cenografia teatral, realizou ilustrações e trabalhos colaborativos com escritores, e é autora de numerosas intervenções em espaços públicos. Recentemente, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Governo português (2019), foi homenageada na Sorbonne Nouvelle, em Paris, com uma jornada de estudos sobre a sua obra (2021), e foi distinguida com o Doutorado Honoris Causa atribuído pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2022).

José Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922 em Azinhaga, na província do Ribatejo. Antes de completar os dois anos, a sua família fixa-se em Lisboa. Fez estudos secundários (liceais e técnicos) que, por dificuldades económicas, não pôde prosseguir. Em 1947 publicou o seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*. Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista Seara Nova. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal Diário de Lisboa, onde foi comentador político e coordenador, durante cerca de um ano, do seu suplemento cultural. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal Diário de Notícias. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura. José Saramago faleceu a 18 de junho de 2010.

“Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo” (revisitar O Ano de 1993 de José Saramago) | Silvia Penas | Performance

27 de outubro | 19h00 | Sede Afundación Vigo: Sala de Exposicións II (rua Velázquez Moreno, 18)

A partir do verso de Saramago que dá corpo ao título da sua performance, Silvia Penas elaborará uma intervenção cénica, visual, poética e sonora, em colaboração com Chucho González e Jesús Andrés Tejada, membros, tal como a performer, do coletivo Limites. O seu trabalho ornamentará, com movimento e som, alguns dos textos do Prémio Nobel e outros da sua autoria, tendo como base a obra *O Ano de 1993* e as ilustrações de Graça Morais para a sua reedição de 1987. Através de um corpo-cartografia, espelho da cidade sitiada que protagoniza o livro de Saramago, a percussão e a voz serão essenciais para uma reflexão performativa não só em torno da obra e do momento histórico que relata, mas também no que toca à sua vigência nos tempos atuais.

Silvia Penas (1980) é uma artista de ofício múltiplo galega. Sempre em trânsito entre várias expressões artísticas, a autora de *O resto é céu* destaca-se enquanto poeta, performer e criadora. Como poeta, foi galardoada com o prémio de poesia da Universidade de Vigo 2005, com o poema em cinco partes “Neste bosque”. Em 2007, recebeu o prémio do Certame Galego de Criadores CZ Crea pela sua obra *A tiranía do des*. Em 2010, publicou, em coautoria com Elvira Riveiro, o livro de poemas *Biografía da multitude*, vencedor do prémio Victoriano Taibo. Também com *Diario de ladras, bailarinas, asasinas e flores* obteve o prémio Avelina Valladares. Nos últimos anos, publicou *Fronteira Paraíso*, na Editora Urutau, e *O resto é céu*, primeira obra em língua portuguesa. Enquanto performer e criadora, entre 2013 e 2016, ganhou os prémios I Slam Poetry Vigo e Poetry Slam Arousa. Foi selecionada para participar no Grande Slam Internacional de Barcelona, no Poetry Slam Nacional de Madrid e no Poetry Slam Portugal como convidada internacional. Nos últimos anos, tem realizado ações performativas em diferentes congressos e festivais, nacionais e internacionais. Silvia Penas destacou-se também como cocriadora da obra de teatro *Sofía e as Postsocráticas* da companhia InversaTeatro e como criadora e atriz, em conjunto com o poeta e actor Samuel Merino, da peça *Vida útil da porcelana*. Foi também uma das criadoras do grupo de poesia cénica Cintaadhesiva. No seu canal de youtube Cintaadhesiva, encontramos algumas das suas performances e criações. Atualmente, Silvia Penas faz parte do coletivo interdisciplinar LIMITES.

Residência Literária: A Alquimia de Oliveira | Xosé Bieito Arias Freixedo

Xosé Bieito Arias Freixedo foi convidado pelo comissariado da exposição *Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar O Ano de 1993* (Sede Afundación Vigo, 18-29 de outubro de 2022) para realizar um texto poético e um texto reflexivo sobre a pintora Graça Morais e a sua obra. Estes textos serão distribuídos e publicados ao longo dos dias do evento.

Xosé Bieito Arias Freixedo é professor de língua portuguesa e de literatura galega na Universidade de Vigo. Como investigador, é medievalista especializado na lírica galego-portuguesa.

Residência Literária: O sublime código da insubmissão | Isabela Figueiredo

A escritora Isabela Figueiredo criará uma série de textos, em formato de diário, a partir de diversas temáticas relacionadas com as atividades da VII Conferência. Estes textos serão distribuídos e publicados ao longo dos dias do evento.

Isabela Figueiredo nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, e veio para Portugal em 1975 na condição de retornada. Foi viver com a avó, ficando separada dos seus pais, que ficaram em Moçambique, durante 10 anos. O seu pai era electricista. Isabela Figueiredo é licenciada em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa e possui uma especialização em Estudos de Género pela Universidade Aberta de Lisboa. Publicou seus primeiros textos em 1983 no *DN Jovem*, suplemento já extinto do *Diário de Notícias*. Em 1988 ganhou seu primeiro prémio na Mostra Portuguesa de Artes e Ideias com a obra publicada sob o nome de Isabel Almeida Santos: *Conto é Como Quem Diz*. A autora trabalhou como jornalista no *Diário de Notícias* entre 1989 e 1994 e também como professora de Ensino Médio na Margem Sul de Lisboa entre 1985 e 2014. Em 2009, publicou a obra autobiográfica *Caderno de Memórias Coloniais* a qual foi eleita em 2010

como uma das obras mais relevantes da década pela escritora Maria da Conceição Caleiro e pelo ensaísta Gustavo Rubim no especial publicado pela revista de cultura *Ípsilon* (suplemento de artes do jornal Público). Ainda em 2010, recebeu o prémio de melhor livro do ano com *Caderno de Memórias Coloniais*. Seu romance *A Gorda* (2016) foi considerado um dos dez melhores livros de 2016 pela revista online *Espalha-Factos* e venceu o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues de 2017.

Ciclo de Cinema *O Surrealismo de Saramago no Cinema* | Curadoria de Abella Produções

Museu de Arte Contemporânea de Vigo – MARCO | 25 – 19 de novembro

Horário: 19h30 | Projeções em V.O. com legendas em castelhano

No contexto do centenário de José Saramago, este ciclo de cinema, impulsionado pela CJS-UVigo e com curadoria de Juan de Castro e de Abella Produções, centra-se nos aspetos surrealistas que emergem da obra do Prémio Nobel de Literatura e que foram desenvolvidos por algumas das suas adaptações cinematográficas. No entanto, também serão abordados outros temas, como os elementos políticos, poéticos e biográficos de uma obra e personalidade universal, cujas ideias não deixaram de ter uma atualidade flagrante. Ao longo de três semanas, mostrar-se-ão, no Museu de Arte Contemporânea de Vigo, três longa-metragens (*Enemy*, *Embargo* e *Blindness*), um documentário (*José e Pilar*) e sete curta-metragens (três delas produzidas na Galiza). Cada uma das cinco sessões será apresentada por pessoas envolvidas na realização, produção dos filmes ou no meio cinematográfico. No final de cada sessão, terá lugar uma conversa de cerca de 20 minutos com as personalidades convidadas.

***Enemy (O Homem Duplicado)*, dirigido por Denis Villeneuve (Canadá/Espanha 2013)**

25 de outubro | Apresentado por Javier Trigales

SINOPSE

Adam é um afável professor de história com um quotidiano bastante monótono. Certo dia, numa sessão de cinema, descobre um ator com uma aparência muito idêntica à sua. Obcecado pela ideia de ter um duplo, Adam inicia uma perseguição ao seu semelhante, que terá consequências inesperadas para a sua vida.

Javier Trigales é guionista, crítico de cinema (com trabalhos para a Globomedia, La Dalia Films, Shine Iberia, Eye Slice Pictures e Bambú Producciones) e professor de audiovisual em diversas escolas, museus e centros culturais. O seu último trabalho, a longa-metragem *Viejos*, distribuído pela Filmax, estreará mundialmente no próximo Festival Internacional de Fantasia, em Montreal. Foi diretor de programação do festival Cineuropa, assim como programador em muitos outros festivais, mostras e ciclos. É comissário audiovisual e trabalha na gestão cultural de muitos organismos públicos e entidades privadas. Por último, colabora como periodista cultural em vários meios de comunicação locais e nacionais. É membro da AGPXC, da AGAG, da AICE e foi júri numa série de festivais internacionais.

***Embargo*, dirigido por António Ferreira (Portugal 2010)**

29 de outubro | Apresentado por António Ferreira e Tathiani Sacilotto

SINOPSE

Trabalhador numa roulotte de bifanas, Nuno inventa uma máquina que pretende revolucionar a indústria do calçado: um digitalizador de pés. No meio de um embargo petrolífero e diante de uma estranha dificuldade, Nuno fica misteriosamente enclausurado no seu carro, vendo de repente a sua vida embargada.

António Ferreira nasceu em Coimbra, em 1970. Em 1994, ingressou na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), em Lisboa. Em 1996, mudou-se para a Alemanha para estudar na Academia de Cinema e Televisão de Berlim (dffb). Em 2000, ganhou notoriedade com a curta-metragem *Respirar (Debaixo de Água)*, que o levou até ao Festival de Cannes e com o qual foi premiado em diversos festivais internacionais. Em 2002, estreou-se na longa-metragem com *Esquece tudo o que te disse*, um dos filmes portugueses mais visto nesse ano. Em 2007, estreou a sua curta *Deus Não Quis*, com a qual foi

amplamente premiado internacionalmente. Em 2010, estreou a sua segunda longa-metragem *Embargo*, adaptação do conto de José Saramago e fruto de uma coprodução entre o Brasil, Portugal e Espanha. Em 2011, estreou-se como encenador com uma adaptação de *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*, de Fassbinder, no Teatro Nacional D. Maria II. Em 2012, realizou *Posfácio* nas Confeções Canhão, a propósito de Guimarães Capital Europeia da Cultura. É membro fundador da Academia Portuguesa de Cinema (APC) e dirige atualmente a sua produtora Persona Non Grata Pictures.

Tathiani Sacilotto é produtora e sócia da Persona Non Grata Pictures (Portugal/Brasil) e de Diálogos Atômicos (Portugal). Produziu mais de 25 longas-metragens, documentários e curtas-metragens que participaram em diversos festivais internacionais. Filmes recentes: *Pedro e Inês* de António Ferreira (2018, Portugal/França/Brasil); *Gafas Amarillas* de Ivan Mora Manzano (2019, Equador/Brasil) e *Ese Fin de Semana* de Mara Pescio (2021, Argentina/ Brasil).

***José e Pilar*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes (Portugal 2010)**

5 de novembro | Apresentado por Francisco Castro

SINOPSE

História da relação entre o Prémio Nobel da Literatura José Saramago (1922-2010) e a sua esposa, a jornalista, tradutora e escritora espanhola, Pilar del Rio. Retrata a sua vida quotidiana em Lanzarote e Lisboa, em sua casa e nas suas viagens por todo o mundo, durante os últimos quatro anos de vida do escritor português.

Francisco Castro é escritor e diretor geral da editora Galaxia, uma das mais importantes da Galiza. Trabalhou como cronista cultural para diversos meios de comunicação e é autor de diversas obras de temáticas diversas, como *Memorial do Infortúnio*, *O segredo de Marco Polo*, *Iridium*, entre outras. A sua obra foi reconhecida com diversas distinções, como com o Prémio Blanco Amor e com o Prémio García Barros. O seu livro mais conhecido, *Me llamaba Simbad*, entrou na lista de honra do IBBY e recebeu os prémios Fervenzas Literarias e Frei Martín Sarmiento.

Sete curtas-metragens

12 de novembro | Apresentado por Severiano Casalderrey

***A flor mais grande do mundo*, dirigido por Juan Pablo Etcheverry (Espanha 2007)**

SINOPSE

Baseado no texto homónimo de José Saramago (que também é o narrador da curta-metragem), *A flor mais grande do mundo* encontra-se repleta de símbolos e enigmas sobre uma infância que cresce num mundo corrompido pelo individualismo, pela desespero, pela violência e pela falta de ideais. Nesta curta há duas mensagens, uma para as crianças (a descoberta, a coragem, o altruísmo) e a outra para todos homens e todas as mulheres que se interrogam sobre o seu lugar no mundo.

***Embargo*, dirigido por Noa Castro y Pepe Eiras (Espanha 2018)**

***Sensitive Islands*, dirigido por Stefaan van Biesen (Bélgica 2012)**

***Death at Intervals*, dirigido por Alexander Golubeff (2019)**

***Sheperd of Dreams*, dirigido por Paulo Fajardo (Portugal 2020)**

***Azinhaga*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes (Portugal 2007)**

Desquite (Desforra), dirigido por Uxue Reinoso Roldan, Amy Egan, Iker Orueta Esparza, Laida Ruiz Juarros, Judit Porto Mariño (Espanha 2019)

SINOPSE

Desquite é uma adaptação baseada no conto homónimo de José Saramago, “Desforra” (Desquite), que narra a história de um menino a partir de um texto sem palavras, centrado nas trocas de olhar entre ele e uma rapariga na margem do rio. A partir da sua perspectiva, ele começa a questionar o seu ambiente social, no qual se espera que assuma responsabilidades adultas prematuramente.

Severiano Casalderrey nasce em Pontevedra em 1980. Licenciado em História de Arte pela Universidade de Santiago de Compostela em 2002, um ano depois, finalizou os seus estudos musicais com o título superior de piano. A partir daí, dedicou-se ao ensino e a outras atividades relacionadas com a música e com o cinema. Dirigiu o festival ANIRMAU – Animation Film Festival (Lalín, 2010-2013), e, a partir de 2012, começou o seu trabalho como programador no festival de curtas-metragens FICBUEU, tornando-se seu subdiretor em 2019. Foi colaborador e júri de diversos festivais internacionais em Portugal, no Brasil e em Taiwan. Também realizou bandas sonoras de filmes mudos. Atualmente, integra a equipa de programação do GALICIAN FREAKY FILM FESTIVAL (Vigo) e do festival de cinema infantil CINEMA MIÚDO (Ames). Também escreve ensaios sobre cinema, com quatro publicações até à data. Com “A asimilación do ‘fantástico’ nas prácticas da Escuela Oficial de Cinematografía (EOC)”, recebeu o Prémio María Luz Morales, de Academia Galega do Audiovisual, em 2022.

Blindness (Ensaio sobre a Cegueira), dirigido por Fernando Meirelles (Brasil 2008)
19 de novembro | Apresentado por Xosé Nogueira

SINOPSE

Adaptação cinematográfica do romance *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), do Prémio Nobel português José Saramago. Uma misteriosa epidemia propaga-se por todo o país. As primeiras vítimas da cegueira branca, aparentemente incurável, ficam confinadas num hospital sem receber explicações, entregues a si próprias. Entre elas, encontra-se uma mulher que não foi afetada pela doença, mas finge a sua cegueira para poder acompanhar o seu marido. Dentro do hospital impõe-se a lei do mais forte, o que dará lugar a enormes atrocidades, e, lá fora, o caos e o terror dominam as ruas.

Xosé Nogueira é doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, professora de História do Cinema e especialista em cultura audiovisual contemporânea.

On/Off (A Caverna), 2021 | ±MAISMENOS± | Instalação Interativa
26 de outubro | 18h15 | Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines

A Caverna que nos é aqui mostrada, propõe uma versão atualizada da Caverna de Platão, onde as sombras que em si se projetam se sobrepõem, dificultando a leitura que se tem das mesmas enquanto propostas de um ou vários reais. Esta peça surge como uma experiência que diverge na forma como vemos, sentimos, pensamos e avaliamos a nossa posição e as nossas escolhas numa sociedade cada vez mais polarizada, binária, contrastante, ruidosa e em choque constante com o que nos é imposto, tal como é proposto por Saramago na sua Caverna. Nesta "Caverna" somos confrontados com projeções das nossas próprias contradições, das nossas dúvidas, angústias e (in)certezas, ainda que afrontados com o facto de sermos agentes ativos na (des)construção da(s) nossa(s) realidade(s), seja pela vivência com o que nos é dado a refletir, seja pela partilha e sobreposição do espaço com o outro, ainda que (quase sempre?) dominados pelas nossas experiências e noções do real.

Miguel Januário nasceu no Porto em 1981. Formado em Design de Comunicação na FBAUP, colaborador do espaço de intervenção cultural ‘Maus Hábitos’, autor do projeto de intervenção ‘±MAISMENOS±’. Frequenta o doutoramento em Design na FBAUP. Além da componente ilegal e urbana do seu projecto pessoal, destacam-se os seguintes espaços e

eventos institucionais: Galeria Vera Cortês (Lisboa, 2010), MACE-Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Galeria Underdogs, Caixa Cultural Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, Museu do Côa, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, MUDE-Museu do Design e da Moda, MACRO-Museu de Arte Contemporâneo de Roma, Galeria Wunderkammern, Galeria Celaya Brothers México, Arco Lisboa, WTF Gallery Banguedoque, Walk&Talk Açores, Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012, La Tour Paris 13, Wool Festival Covilhã, Nuart Festival Stavanger, TrashPlant Festival Tenerife, Roskilde Festival e Forgotten Project Roma. O '±MaisMenos±' foi também objecto de duas TED talks, TEDxLuanda e TEDxPorto, assim como inúmeras palestras públicas e académicas, tanto a nível nacional, como internacional.

Abram Alas no Recital dos Sisudos | Patrícia Lino | Recital de Poesia 28 de outubro | 18h15 | Camões - Centro Cultural Português / Casa de Arines

O evento consistirá na leitura encenada e na projeção de textos e videopoemas inéditos e de outros incluídos em *No es esto un libro* (2020) e *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020-2022).

Patrícia Lino (1990) é poeta, ensaísta e professora universitária. Ensina literaturas e artes visuais afro-luso-brasileiras na UCLA e publicou, até à data, *Aula de Música* (2022), *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), *No es esto un libro* (trad.: Jerónimo Pizarro, 2020) e *Manoel de Barros e a Poesia Cínica* (2019).

REDE JANGADA

A *Jangada* - Rede Internacional de Cátedras, Centros de Investigação e Associações (galegas e lusófonas) constituiu-se em Pontevedra, no dia 1 de dezembro de 2019, por ocasião da IV Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo.

Esta rede tenta (co)responder a três ideias-chave presentes na obra e no pensamento saramaguiano:

1. o trans-iberismo, no qual consideramos primordial salientar as minorias e, nomeadamente, a Galiza como berço cultural e literário não só dos espaços lusófonos, mas também de uma parte fundamental do conjunto ibero-românico em geral;
2. a “Carta universal de deveres e obrigações dos seres humanos”, sugerida por José Saramago como complemento necessário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e que acaba de ser entregue à ONU; e, finalmente,
3. a consciência de que as mudanças verdadeiramente importantes só se alcançam se adotarmos também, nos momentos precisos, posições extra-sistémicas.

A rede é composta pelas oito cátedras Saramago existentes a nível mundial, por outras cinco cátedras, das quais quatro são do Camões, I.P., por quatro institutos de investigação (Estados Unidos, Galiza, Portugal, Brasil), por um grupo de investigação (Brasil), por uma rede e uma associação cultural e pedagógica, e ainda por docentes e investigadoras/es individuais. Além de membros fundadores, a *Jangada* conta com membros associados que aderiram à rede depois da sua fundação.

O objetivo geral da rede *Jangada* consiste na criação de sinergias e projetos de colaboração entre os membros em relação aos projetos e as atividades que estão a desenvolver no âmbito dos Estudos Lusófonos atuais, através da docência, investigação ou de atividades de extensão.

Na atualidade, os Estudos Lusófonos indiscutivelmente pedem transversalidade, internacionalização e interdisciplinaridade. Referimo-nos, por exemplo, a aproximações que considerem as inter-relações entre literatura e autobiografia, literatura e justiça/direito/direitos humanos, literatura e tradição oral/etnografia, literatura e antropologia, literatura e filosofia, literatura e infância, literatura e política, literatura e arte, literatura e feminismo, literatura e pós-colonialismo, literatura e ambiente/ecocrítica, entre outros.

Fazemos parte de diferentes sistemas académicos, culturais e nacionais, de cujos apoios financeiros dependemos em maior ou menor medida. Mas a transversalidade que pretendemos criar, a descentralização e a desterritorialização a que aspiramos, o mútuo apoio e as convergências que possamos desenvolver, ajudar-nos-ão a conseguir uma maior autonomia em relação aos sistemas académicos e políticos que nos condicionam. A rede poderá fortalecer, assim, nos respetivos contextos em que desenvolvemos as nossas atividades, o espírito crítico e de ação que sempre demandou José Saramago. Os objetivos específicos da rede *Jangada* são:

- O desenvolvimento de quaisquer projetos conjuntos de investigação, de divulgação social e de transferência do conhecimento que possam ser relacionados, de uma forma ou outra, com os estudos lusófonos.

- A organização e a realização, também a nível internacional, de todo o tipo de atividades conjuntas de difusão e promoção dos estudos lusófonos, como cursos, conferências, simpósios ou seminários.
- O apoio a docentes, pessoal investigador e estudantes.
- A publicação e o intercâmbio de publicações, de trabalhos de investigação e de qualquer tipo de materiais académicos que sejam de interesse comum a todo tipo de projetos culturais e literários.
- A mobilidade internacional de estudantes e do pessoal docente e investigador das entidades participantes e dos seus membros.
- A solicitação de ajudas públicas e/ou privadas para financiamento de projetos e de atividades conjuntas a nível estatal ou internacional.
- A promoção da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens em todos os âmbitos da sociedade.
- A promoção da “Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos”, sugerida por José Saramago como complemento necessário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A nossa primeira publicação conjunta foi o volume sobre *José Saramago e os desafios do nosso tempo* (Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona 2021), que explora, a partir das contribuições da IV Conferência Internacional José Saramago, muitas abordagens interdisciplinares das questões políticas na escrita e no pensamento do autor.

ORGANIZAÇÃO

I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo



APOIOS E COLABORAÇÕES



Universidade de Vigo

Proxecto
POEPOLIT II

Grupo de
investigación
BIFEÇA

PDIEL: programa
de doutoramento
en estudos literarios

Facultade de
Filoloxía e
Tradución

Vicerreitoría de
Investigación

GRAÇA MORAIS E JOSÉ SARAMAGO: A ARTE DE PENSAR O ANO DE 1993

EXPOSICIÓN ORGANIZADA NO ÁMBITO DO VII CONGRESO INTERNACIONAL JOSÉ SARAMAGO DA UNIVERSIDADE DE VIGO
COMISARIADO: BURGHARD BALTRUSCH, EGÍDIA SOUTO, JOANA BAIÃO



© Inaxe Graça Morais

18-29 DE OUTUBRO DE 2022

LUNS A SÁBADO, 17H30 - 20H30

SEDE AFUNDACIÓN VIGO

SALA DE EXPOSICIÓN II, RÚA VELÁZQUEZ MORENO 18